

Continuidade e identidade
na pré-história indo-europeia:
para um novo paradigma

Gabriele Costa



Título original: *Continuità e identità nella preistoria indeuropeia: verso un nuovo paradigma*. Publicado in: «Quaderni di Semantica», 22,2 (2001), pp.215-260.

O presente trabalho é dedicado, com admiração e saudade, à memória de Enrico Campanile e de Giorgio Raimondo Cardona.

© Apenas Livros Lda.,
Gabriele Costa

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel/fax 21 758 22 85
geral@apenas-livros.com

Depósito legal nº 286249/08
ISBN: 978-989-618-213-7
1ª edição: 250 exemplares
Dezembro de 2008
Publicação nº 323

Tradução de José Colaço Barreiros
Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção TEORIA DA CONTINUIDADE PALEOLÍTICA, 3
Dirigida por Xaverio Ballester
www.continuitas.com

www.apenas-livros.com

*«It might be argued that such a view,
far from removing the basis for comparative linguistics,
establishes it more firmly – that is more realistically».*

B. Bloch

O presente trabalho tem como objectivo de tentar unificar numa nova teoria *standard*, num novo potencial paradigma¹ da história das populações de língua indo-europeia², os numerosos resultados convergentes obtidos por vários especialistas, em diferentes campos e por vias independentes, a partir dos recentes estudos do sector acerca deste assunto.

Antes de entrarmos no cerne da questão, examinando e discutindo alguns dos estudos em causa, convém esclarecer desde já, pelo menos, três questões importantes:

1) o quadro epistemológico geral, a que faço aqui referência, é o hipotético-dedutivo, que delineei em anteriores pesquisas, para as quais remeto por razões de brevidade³, e refere-se principalmente aos estudos de G. Bateson e K. Popper, segundo uma orientação emergente e convergente nas ciências humanas⁴, e que vem ganhando aprovação crescente entre os especialistas⁵;

2) o método histórico-comparativo, fundamento tradicional das investigações de linguística indo-europeia, não está aqui em discussão enquanto tal⁶, embora, em geral, já seja opinião partilhada por muitos que deve ser completado ao nível da reconstrução morfofonológica e sintáctica com o uso da tipologia⁷, e ao nível das investigações textuais com os metódicos enfoques dos estudos sobre a língua poética indo-europeia⁸;

3) a objecção heurística, por assim dizer, clássica, segundo a qual as investigações arqueológicas⁹, etnológicas, histórico-religiosas¹⁰, e talvez agora também as da genética, sobre populações de língua indo-europeia seriam invalidadas *a priori* pelo facto de a noção de «indo-europeu» (e de «indo-europeus») ser «exclusivamente linguística», na minha opinião só

não terá razão de ser se não tiver presente que a existência de uma língua, mesmo que seja reconstruída, tem necessariamente de pressupor a de uma comunidade de falantes¹¹, e por conseguinte a existência de uma cultura material e intelectual¹², partilhada por membros dessa comunidade e na qual eles se reconheciam e identificavam¹³. O conceito de «indo-europeu» terá portanto de ser entendido num sentido globalmente antrópico e tornado acessível a toda e qualquer investigação científica¹⁴.

Assim, apesar de não se poder dizer que se abordaram todos os problemas metodológicos – falta, por exemplo, a questão, de que falei adiante, da interfruibibilidade recíproca dos dados e dos resultados entre disciplinas, mais ou menos contíguas, que se ocupam do mesmo tema científico –, espero pelo menos ter delineado suficientemente o campo dentro do qual se moverá a minha tentativa.

Mais ou menos nestes últimos quinze anos, a partir da publicação de um livro muito discutido do arqueólogo inglês Colin Renfrew¹⁵, o quadro cultural, histórico-arqueológico e temporal que, quase desde os seus inícios servia de corolário aos estudos científicos da linguística comparada indo-europeia, foi posto em causa; aliás, para falarmos claramente, foi abalado até aos seus fundamentos ideológicos¹⁶, provavelmente de uma vez por todas, e, para sossego de alguns voluntariosos socorristas, talvez tenha chegado o momento em que se deverá começar a pensar em poder arquivá-lo sem grandes traumas como uma peça gloriosa mas já obsoleta da panóplia conceptual da disciplina¹⁷.

Como a vulgata é conhecida e existem diversas, bem feitas, e recentes explicitações dos estudos¹⁸, posso aqui eximir-me de retomar a questão desde o princípio e ir directamente ao ponto central.

Embora em presença de dezenas de opiniões diversas e diferentemente justificadas quanto ao lugar onde geograficamente se deveria situar a sede originária dos Indo-Europeus (*Urheimat*)¹⁹, e portanto sobre quais seriam as principais directrizes da diáspora – ou seja, da progressiva separação e diferenciação no tempo e no espaço do que ao início se considerava ser um único povo (*Urvolk*) falando uma única língua (*Ursprache*), – até um passado recente, quase todos os especialistas²⁰ concordavam em afirmar que os povos de língua indo-europeia tinham chegado aos seus locais históricos em épocas relativamente recentes por meio de desloca-

ções maciças, repentinas e velozes (as invasões), favorecidas pela domesticação do cavalo, por tecnologias (o uso do carro, etc.) e por táticas militares superiores às das populações preexistentes *in loco*²¹; populações estas suplantadas cultural e linguisticamente, e, portanto, seguidamente absorvidas pelos Indo-Europeus, quando não eliminadas fisicamente no decorrer das próprias invasões: «a conquista do mundo por parte dos povos de língua indo-europeia, que souberam melhor do que os outros pôr ao serviço da violência a sua superioridade técnica, teve início com a submissão das populações preexistentes desde a Índia até à Irlanda»²².

As línguas dos povos preexistentes às invasões indo-europeias, em parte identificáveis nos chamados substratos (indo-mediterrânico, etc.)²³, teriam sido portanto substituídas²⁴ pelas línguas indo-europeias faladas pelos invasores. E, em resumo, tudo isto teria sucedido no arco de pouquíssimos milénios, ou seja, entre o V-IV e o II-I milénios a. C.; antes desse período, os Indo-Europeus, enquanto tais não teriam existido.

O ponto central é precisamente este, ou seja, o facto de nenhuma teoria da pré-história indo-europeia anterior aos estudos de A. Ammerman - L. L. Cavalli Sforza²⁵ e de C. Renfrew, incluindo a kurgânica de M. Gimbutas e J. Mallory²⁶, até há pouco a mais em voga no sector, e a «caucásica» de Th. Gamkrelidze e V. V. Ivanov²⁷, elaborada recentemente e até agora acolhida por poucos - ter alguma vez posto em causa a chamada cronologia breve, isto é, ter feito principiar a pré-história dos Indo-Europeus no V-IV milénio²⁸.

Assim, segundo este ponto de vista, considerando as opiniões, apesar de tudo numerosas e diversas sobre as origens dos Indo-Europeus, creio ser legítimo falar de uma teoria única, de uma teoria *standard* da pré-história indo-europeia que, durante muito tempo, constituiu o paradigma arqueológico e histórico-cultural dentro do qual, neste campo, se processaram os estudos: podemos sem dúvida defini-la como *teoria calcolítica*²⁹.

Contudo, examinada sem preconceitos à luz dos resultados das investigações linguísticas, arqueológicas e etnológicas dos últimos decénios, exame já efectuado eficazmente por outros e que não irei aqui repetir³⁰ - basta recordar que: nunca foram encontrados vestígios arqueológicos de invasões violentas³¹; o *Reiternomadismus*, ou seja, a pas-

torícia nómada a cavalo, no que respeita ao mundo indo-europeu³², não tem qualquer correspondência etnoantropológica e arqueológica segura³³; que o fenómeno das elites nómadas equestres, se realmente teve algum papel significativo na história da Eurásia, está limitado ao I milénio a. C.³⁴; que os resultados da chamada paleontologia linguística têm-se revelado na sua maioria inesperados e não fiáveis, etc.³⁵ –, a teoria calcólica demonstrou-se errada, isto é, inadequada para enquadrar, num conjunto hoje coerente e plausível, os dados linguísticos e os provenientes das modernas investigações sobre a pré-história euro-asiática.

Em especial, como observou C. Renfrew,

«the problem of time depth is a crucial one for any consideration of the Indo-European languages. When it seemed that Proto-Indo-European could be dated as late as 3000 BC the choice of explanatory possibilities offered by the archaeological record was a somewhat restrictive one. If any earlier date be adopted, then the archaeological context is very different, and there is more scope also for the sort of time depth within Indo-European for which a number of scholars have recently been arguing»³⁶.

Assim, na sequência das já citadas investigações de Ammermann e Cavalli Sforza e de Renfrew, tem vindo a delinear-se e a aperfeiçoar-se uma *teoria neolítica* sobre as origens dos Indo-Europeus, ou seja, uma teoria que faz coincidir os inícios da diáspora indo-europeia com a difusão e a expansão da agricultura³⁷ – quer dizer: da domesticação e do cultivo intensivo e sedentário dos cereais³⁸ – e das populações que primeiro a praticaram, e portanto supostamente de língua indo-europeia, por volta do VIII-VII milénio a. C. e a partir da Anatólia³⁹.

Esta teoria, que sem dúvida tem *peelo menos* o mérito de ter atraído forçosamente a atenção dos especialistas para a insustentabilidade da cronologia *standard*, recebeu entre os linguistas raros e cautelosos consensos e suscitou muitas oposições indignadas; estas últimas, por vezes, há que dizê-lo, assentes em asserções que se revelaram inconsistentes há decénios, e ligadas a uma atitude de geral isolamento em relação aos desenvolvimentos de outras investigações, decerto não a causa derradeira do progressivo desaparecimento das cátedras de indo-europeística do panorama universitário – em especial do norte-americano⁴⁰ e alemão⁴¹ –, e de uma crescente indiferença, ou mesmo

intolerância, pela linguística histórico-comparativa, já considerada pelos estudantes e pelos especialistas das outras ciências humanas como uma disciplina asfixiante e ensimesmada, e, daí, se não inútil, pelo menos menor e, provavelmente, esgotada.

No entanto, como escrevia já há muitos anos V. Pisani,

«se a nossa ciência tem de ser histórica, tenderá a descobrir realidades históricas; a mim não me interessa de modo nenhum construir um sistema fonológico ou morfológico para o rotular como “o indo-europeu”, mas interessa-me saber em que consistia *na realidade* este “indo-europeu”, como era articulado e variado na imensa área em que se teria difundido e durante a sua existência, portanto espacial e cronologicamente: só na base de um tal conhecimento histórico, mesmo que limitado nas possibilidades de o alcançar, serei capaz de julgar as relações entre as várias línguas indo-europeias e a unidade pressuposta pelas suas concordâncias que não sejam explicáveis historicamente»⁴².

Para uma ciência que se pretende histórica, actualizar e verificar os seus dados na base também dos resultados das outras ciências históricas não deveria ser tabu, mas antes um exercício quase quotidiano; o facto é que

«nós criámos um mito incontrolável, porque colocado na pré-história, isto é, num mundo de que não podemos ter documentos directos, pois se os tivéssemos a pré-história já se transformaria em história; na base deste mito construímos uma “ciência”; e como a “ciência” assim construída ruiria se esse mito se demonstrasse inconsistente, temos de o considerar absolutamente verdadeiro e defender contra todas as dúvidas. E eu pergunto: que “ciência” é esta, que se mantém de pé ou cai com a conservação ou a queda de um mito?»⁴³

Caindo portanto o mito dos bandos de cavaleiros indo-europeus rápidos e impiedosos colonizadores e civilizadores do mundo «desde as estepes até aos oceanos», como rezava o título de um livro ainda há poucos anos⁴⁴, se a indo-europeística (a dos linguistas, porque a dos outros goza de boa saúde e óptimo aspecto) quiser sobreviver como ciência histórica e como disciplina académica, creio que não poderá continuar a prescindir dos resultados actuais das disciplinas históricas contíguas⁴⁵, em especial dos da arqueologia e da paleontologia, embora sem submissões intelectuais e sem rodeios argumentativos.

Na minha opinião, das diversas objecções levantadas à teoria dos *kurgan*⁴⁶, a dos rodeios das argumentações é de facto uma das mais decisivas: mesmo pondo momentaneamente de parte a questão cronológica, identificar a cultura expressa pela *facies* arqueológica kurgânica com a cultura indo-europeia *tout court*, porque os achados da primeira parecem pressupor estilística e iconograficamente⁴⁷ uma civilização em que o heroísmo guerreiro, o nomadismo pastorício, a mitologia celeste patriarcal, etc., desempenhavam um papel social fundamental, tal como parece indicar também para o mundo de língua indo-europeia uma certa reconstrução da sua cultura⁴⁸, significa sobrepor elementos de tipo não mensurável, por pertencerem a ordens etnoantropológicas diferentes – da cultura material à cultura intelectual⁴⁹ – e a tipologias cognitivas de valência diferente – do elemento à classe e do nome à coisa designada pelo nome⁵⁰ –, introduzindo precisamente um círculo vicioso entre arqueologia e linguística, no qual o ónus da prova é sempre adiado e a verificação teórica, impossível, porque a teoria, apesar de assentar em convicções conotadas politicamente e, como tal, respeitáveis mas fideístas e não-científicas⁵¹, é formulada de maneira não refutável⁵².

Em geral, é minha opinião que, se especialistas de disciplinas diferentes chegam a resultados semelhantes sobre o mesmo tema de investigação por vias próprias e cada um com os seus instrumentos cognitivos, talvez se possa considerar ser fruto de um progresso comum da pesquisa; mas procurar fora do próprio âmbito científico o apoio a hipóteses reconstrutivas em si mesmas pouco firmes, confundindo até tornar irreconhecíveis as várias faces que um mesmo tema de pesquisa possa apresentar em diversos aspectos da investigação, significa apenas ter uma concepção sem escrúpulos e não fiável da interdisciplinaridade, em suma, uma má epistemologia, como diria G. Bateson⁵³. Como toda a pesquisa tem sempre uma causa⁵⁴, a fruição mútua e a permuta das descobertas e das noções científicas entre disciplinas afins, em última análise é, pois, um problema que diz respeito aos preconceitos culturais e à honestidade intelectual, à «laicidade» de cada especialista, e não ao estudo da história em si, que, como se sabe, conhece os problemas mas não as disciplinas⁵⁵.

Se, entre os seus muitos méritos científicos, se deve reconhecer também em C. Renfrew o da probidade intelectual – como demonstram,

por exemplo, as diversas actualizações críticas por ele mesmo trazidas à sua teoria indo-europeia com base nas observações de outros especialistas⁵⁶ –, é também necessário reconhecer que a teoria neolítica deve alguns dos seus aspectos mais discutíveis, exactamente os que a tornam inaceitável, à aceitação acrítica por parte do especialista inglês de algumas assunções da linguística indo-europeia tradicional.

Como já se disse, a teoria neolítica, rejeitando a tradicional datação calcolítica e as invasões violentas dos cavaleiros-pastores-guerreiros, identifica a indo-europeização da Eurásia com a neolitização, concebida esta, segundo as ondas de difusão génica reconstituídas por Ammermann e Cavalli Sforza⁵⁷, como um fenómeno migratório, pacífico e constante, de agricultores anatólicos, cujos inícios se fazem justamente remontar à transição neolítica do Próximo Oriente, actualmente datada cerca do VIII-VII milénio a. C. Após as numerosas críticas recebidas quer quanto à vertente arqueológica⁵⁸ quer sobre a etno-genética⁵⁹, Renfrew, seguindo também os ajustamentos que Cavalli Sforza entretanto forneceu à sua teoria sobre as difusões genéticas que se seguiram ao nascimento da agricultura⁶⁰, modificou parcialmente a teoria, que, presentemente, na sua nova versão, recuperando mesmo parte de alguns aspectos da teoria kurgânica⁶¹ e algumas posições de M. Zvelebil⁶², prevê um modelo combinado de difusão démica (migrações), de convergências e contactos culturais, e de desenvolvimento local na transição do mesolítico para o neolítico euro-asiático, na difusão das línguas indo-europeias e na sua substituição às falas pré-indo-europeias⁶³.

Mesmo na versão revista e corrigida, a teoria neolítica continua, porém, a deparar com algumas objecções insuperáveis:

1) de um modo geral, quer tenham sido violentas ou pacíficas, quer invasões ou migrações maciças, ou mesmo genocídios, continua a não haver vestígios arqueológicos, seja na época calcolítica seja na época neolítica, havendo, pelo contrário, cada vez mais provas a favor de uma substancial continuidade de assentamentos a partir do paleolítico⁶⁴;

2) linguistas, arqueólogos e agora até alguns genetistas⁶⁵ afirmam consensualmente que, na Europa do Norte, em particular nas áreas escandinava e urálica, o neolítico terá sido fruto de um desenvolvimento local, isto é, sem nenhuma imigração ou aculturação⁶⁶, da cultura paleomesolítica de caça e pesca ali desenvolvidas com o primeiro

povoamento que se seguiu ao recuo dos gelos após a última glaciação (9000-8000 a. C.)⁶⁷;

3) mesmo pondo de parte o facto de que afirmar «que estes agricultores falariam línguas indo-europeias é apenas uma conjectura de Renfrew»⁶⁸, indemonstrável do ponto de vista arqueológico e genético e indefensável do linguístico, as zonas do Sul da Europa, onde, segundo a teoria, teria começado a colonização neolítica de língua indo-europeia e onde portanto deveria ter sido mais forte a pressão inicial, são precisamente as mesmas (Grécia, Itália meridional, Sicília, Sardenha, Córsega, Ibéria) onde é maior a presença de línguas não indo-europeias⁶⁹;

4) como já tinham intuído alguns dos mais atentos linguistas italianos da geração passada⁷⁰, na realidade, actualmente, é verosímil considerar que no neolítico as línguas indo-europeias estivessem *já* há muito separadas e diferenciadas entre si⁷¹.

Assim, se a teoria neolítica tem o grande mérito de fazer ruir o velho paradigma e de focar a questão cronológica, fazendo recuar as datações em alguns milénios, e de transformar os protagonistas das invasões, ou se se preferir, das migrações, de ferozes guerreiros em pacíficos agricultores, a verdade é que não resolve a questão indo-europeia, ou seja, não esclarece quais são os problemas factuais levantados por um acto grandioso como o da presumível colonização de um espaço geográfico mais vasto que um continente, e da quase completa substituição linguística das preexistentes e avançadas culturas paleomesolíticas⁷².

Para além do aspecto cronológico, o segundo fulcro da questão é o seguinte: efectivamente, o outro aspecto unificador de todas as várias posições sobre a pré-história indo-europeia até agora conhecidas, incluindo a neolítica de A. Ammerman e L. L. Cavalli Sforza e de C. Renfrew, liga-se à *substituição* e à *descontinuidade*, ou seja, ao facto de afirmarem que os Indo-Europeus, chegados àquelas que depois serão as suas várias sedes históricas, através de deslocções populacionais mais ou menos ingentes, suplantaram ou assimilaram as gentes e sobretudo as línguas preexistentes.

Como reconheceu, entre outros, também J. Mallory⁷³, não só existe «um cepticismo natural *em relação a qualquer modelo* que preveja que quase toda

a Europa e uma vasta parte da Ásia terão sofrido uma mudança linguística por obra de uma única família linguística», como também «o problema se acentua quando o próprio modelo da mudança linguística não oferece qualquer demonstração clara de superioridade demográfica dos falantes da língua vencedora (isto é, do indo-europeu)». Assim, o ceticismo não é tanto motivado pelas dimensões do território envolvido, mas sobretudo pela envergadura do impacto linguístico de tal substituição, ou seja, pelo facto de termos de encarar «uma assimilação das línguas anteriores tão completa que poupou pouquíssimas línguas pré-indo-europeias». A isto temos de acrescentar o problema dos resultados da influência das línguas preexistentes sobre as línguas indo-europeias; no caso do modelo kurgânico, isto é, pós-neolítico, investigações recentes como a de P. Bellwood⁷⁴, têm trazido argumentos fortes à tese de que uma «maciça substituição linguística em cadeia ou em rede numa região caracterizada por uma diversidade linguística preexistente [e já de cultura agrícola] levaria a tamanho grau de interferência na língua vencedora que o eventual resultado à escala continental de semelhante substituição linguística nunca poderia ser uma família genética», tornando com isto verosímil o facto de movimentos de populações posteriores à difusão da agricultura não possam justificar a expansão de uma família linguística à escala continental.

Contudo, como é evidente pelo que se disse até agora e pelo que se dirá depois, a questão da substituição e da descontinuidade cria de facto um problema dentro do problema, mesmo prevendo um modelo misto de difusão démica e de aculturação agrícola-linguística na época neolítica, e não será certamente por acaso que, apesar dos quase dois séculos de investigação, ninguém tenha ainda conseguido resolver a questão das origens indo-europeias por esta via. Postular um facto, o da quase completa mudança linguística da Eurásia, tão grandioso e totalizante que foi único na história da Humanidade, tem um preço científico altíssimo, cuja carga fica toda assente sobre os seus defensores, e todo o modelo teórico que faça uso desse argumento tem mostrado, na sua aplicação concreta, produzir mais problemas do que os que poderá resolver.

Talvez falte ainda interrogarmo-nos por que motivo até mesmo quem defende a teoria neolítica, que no entanto tem diversos méritos, tenha permanecido ligado a este esquema improdutivo. Provavelmente Renfrew, e com ele Cavalli Sforza, talvez por não ser linguista, confian-

do em resultados desde há decénios considerados definitivos por assentarem na presumível certeza das reconstruções etimológicas, por sua vez baseadas na presumível inevitabilidade das leis fonéticas e na concepção orgânica da mudança linguística, apropriou-se do argumento descontinuista da linguística indo-europeia tradicional, e portanto, para que batam certo as contas entre linguística, arqueologia e genética, tomou por referência o único panorama pré-histórico de radical mudança ecológica e socioeconómica que conhecemos até agora, precisamente o da chamada transição neolítica. Na realidade, estas mudanças não só têm sido em grande parte redimensionadas pelos próprios arqueólogos em épocas recentes, dando, como se disse⁷⁵, maior peso às culturas paleomesolíticas locais, mas também temos agora teorias genéticas alternativas à de Cavalli Sforza que avançam na mesma direcção da continuidade desde o paleolítico até ao neolítico⁷⁶, e, mais importante ainda, já nos é claro que até o último mito da indo-europeística oitocentista – exactamente o da descontinuidade e da substituição linguística – não tem fundamentação científica concreta, sendo fruto de uma concepção errada do desenvolvimento linguístico-cognitivo e de um fechamento míope à investigação sobre as origens da linguagem⁷⁷, de uma visão reconstrutiva indubitavelmente eurocêntrica e, talvez, de uma visão catastrofista da História⁷⁸.

Em suma, para citar E. F. K. Koerner,

«the field must learn to accept that linguistics, past and present, has never been “value free”, but has often been subject to a variety of external influences and opinions, not all of them beneficial to either the discipline itself or the society that sustains it. In the final analysis, it comes to a matter of *prise de conscience* and of intellectual honesty and responsibility that linguists must become aware of the possible uses and abuses to which their research posture and their findings have been or could be put»⁷⁹.

Afirmar, como há quem faça ainda, que os Indo-Europeus, em virtude de uma mal oculta e presumível superioridade linguístico-racial, teriam inexplicavelmente uma pré-história, até linguística, diferente da de todos os outros povos da Terra, é não só – ontem como hoje – eticamente inaceitável, mas agora também epistemológica e cientificamente insustentável⁸⁰.

E todavia, afirmo-o com convicção, a falta de uma teoria sobre a pré-história indo-europeia partilhável e credível por se apoiar no conjunto dos dados disponíveis, não significa de modo nenhum que o trabalho de quase dois séculos de linguística comparada tenha sido inútil: longe de ter esgotado a sua tarefa, a disciplina tem ainda uma grande quantidade de estudos e de investigações a realizar.

Às teorias calcolítica e neolítica, veio juntar-se há pouco uma *teoria paleolítica* sobre a origem dos Indo-Europeus; esta teoria, desenvolvida independentemente, e por vias reconstrutivas substancialmente diferentes mas coincidentes, por Mario Alinei e pelo autor destas linhas, foi publicada quase ao mesmo tempo em longas e complexas – e às vezes também complicadas – monografias, que irei aqui retomar por alto e para as quais remeto em relação a todos os aprofundamentos, sobretudo os arqueológicos.

O primeiro volume (I. *La Teoria della Continuità*) da obra de Mario Alinei *Origini delle lingue d'Europa* de facto foi publicado pela editora Il Mulino em Outubro de 1996, precisamente uns meses antes de eu entregar à Olschki o meu *Le origini della lingua poetica indeuropea. Voce, coscienza e transizione neolítica*, depois publicado em Fevereiro de 1998.

O segundo volume de M. Alinei (II. *Continuità dal Mesolitico all'età del Ferro nelle principali aree etnolinguistiche*) saiu, por sua vez, em Junho de 2000, também em edição Il Mulino, quatro meses após o meu *Sulla preistoria della tradizione poetica italiana*, publicado em Fevereiro de 2000, também na editora Olschki.

Contudo, enquanto *Origini delle lingue d'Europa*, um trabalho organizado e dividido em dois tomos desde a sua redacção inicial⁸¹, é dedicado prioritariamente à demonstração, por via linguística e por meio de um cerrado confronto com dados arqueológicos e etnológicos mais actualizados disponíveis presentemente, de uma versão da teoria paleolítica que Mario Alinei denominou *teoria da continuidade*, cabendo-lhe portanto o mérito único de ter primeiro exposto analiticamente e explicitado coerentemente esta sua teoria⁸², a minha versão da teoria paleolítica⁸³ surgiu dentro de um trabalho principalmente dedicado a outro tema, sendo, de facto, diferentes o objectivo principal e a organização redaccional da minha pesquisa.

Delineada no volume de 1998 uma teoria geral sobre as origens e as finalidades etnolinguísticas da língua poética indo-europeia, os trabalhos seguintes são e serão dedicados à vitalidade e à sobrevivência desta tradição nalgumas das línguas indo-europeias históricas; ao volume surgido em 2000 dedicado às línguas itálicas, seguir-se-ão com efeito, se as forças não me faltarem e com os ajustamentos que pelo trabalho fora os novos dados e as novas observações vierem a tornar necessários, um volume dedicado à língua dos filósofos pré-platónicos^{83a}, um que dirá respeito à poesia romana arcaica e, finalmente, outro sobre os desenvolvimentos da língua poética indo-europeia no âmbito indo-irânico. O presente trabalho, tal como os que espero que em breve se lhe seguirão⁸⁴, destina-se portanto também a reordenar e a melhor enquadrar, sobretudo no que respeita ao aspecto histórico-arqueológico, a teoria sobre as origens da língua poética indo-europeia que expus pela primeira vez em 1998.

Contudo, esta teoria insere-se numa visão geral da pré-história indo-europeia, sobretudo baseada em dados etnolinguísticos e cognitivos, em suma, sobre a reconstrução da cultura intelectual indo-europeia, cujas hipóteses de fundo, quando M. Alinei e eu pudemos ler as respectivas investigações e dar início a um diálogo científico que dura até agora, acabaram por se revelar em larga medida coincidentes com as da *teoria da continuidade*. Como espero conseguir demonstrar aqui, é possível, de resto, conjugar o aspecto histórico-arqueológico desenvolvido por M. Alinei com o etnocognitivo por mim aprofundado, numa teoria de conjunto que situa no paleolítico superior o horizonte temporal da pré-história indo-europeia e faz coincidir a chegada e a instalação dos povos indo-europeus na Eurásia com a primeira migração de *Homo sapiens sapiens* para fora da África.

Embora nenhum dos especialistas do passado tenha alguma vez exposto completamente e sobretudo depois aplicado concretamente à pesquisa uma teoria paleolítica sobre as origens indo-europeias, todavia não faltaram no século agora terminado alusões, mais ou menos explícitas e nunca suficientemente elaboradas, a uma teoria semelhante.

De facto, já em 1932, Herbert Kühn, conhecido arqueólogo e especialista de arte pré-histórica⁸⁵, escrevia com decisão:

«so gibt es keine neolitische Kultur, die den ganzen oben angegebenen sicher indogermanischen Kreis, den Urraum, durchsetze, vor allen Dingen keine, die etwa von Iran oder Südeuropa nach Mittel- und Nordeuropa vordringt. Und nach dem Neolithikum, in der Bronzezeit, kann die Einheit des Volkes nicht mehr gesucht werden; aus dieser Zeit kennen wir schon die Germanen, die Kelten, die Mykener, die Mitanni. So möchte ich feststellen, und das zum ersten mal klar an dieser Stelle aussprechen, daß kein neolithisches Volk das Urvolk der Indogermanen darstellen kann, und daß das Problem durch die Sprachforschung in seiner Grundlage verschoben ist. Durch das Zusammenwerfen der indischen Wanderung und der Urheimatsfrage ist die Lösung so lange verhindert worden. In Wirklichkeit sagt die Gleichung für Metall nur etwas über die Wanderungszeit nach Indien aus, nicht aber über die Urheimat und das ungeteilte Volk. In der Bronzezeit hat es sicher nicht mehr bestanden, im Neolithikum, wo man es bisher allein gesucht hat, aber auch nicht. *Es kann nur in der Zeit vorher, im Paläolithikum, existiert haben, und in der Tat, nur in dieser Zeit hatte Europa noch ein einheitliches Gesicht, eine einheitliche Struktur; im Neolithikum ist das Volk schon geteilt*»[N. E.: ver tradução portuguesa deste texto na nota]⁸⁶.

Favorável a esta hipótese declarou-se prontamente G. Schwantes⁸⁷, seguido em parte também por outros especialistas, inclinados para uma solução indigenista⁸⁸ e autóctone da questão indo-europeia, como V. Paret⁸⁹, R. Wenskus⁹⁰, e J. Neustupny⁹¹.

A necessidade de recorrer a uma datação muito anterior em relação à habitual também seria sentida nos anos seguintes por E. Meyer – «[...] das bedeutet wiederum, daß die Herausbildung der indogermanischen Völkergruppe in noch ältere Zeiten zurückzulegen wäre, mindestens ins Mesolithikum, vielleicht ins späte Paläolithikum»⁹², por Th. Burrow – «we have already remarked on the deep divergences between the various European members of the family, and this can only be accounted for by pushing back the period of original division to a period much earlier than is usually assumed»⁹³ –, por P. Bosch-Gimpera⁹⁴ e por L. Killian⁹⁵.

Em 1966, no final de um volume dedicado à história das línguas indo-europeias, V. I. Georgiev escreveu:

«a difusão das tribos indeuropeias [efectuou-se] no paleolítico, no mesolítico e em parte no neolítico antigo.[...] O processo normal de extensão das tribos e das línguas foi constituído pela ocupação de enormes extensões de

território livre. [...] Algumas línguas indo-europeias já estavam formadas no III milénio a.C. Isto significa que durante o IV-V milénio e até antes as tribos indo-europeias habitavam um enorme território dentro do qual se puderam diferenciar as várias línguas indo-europeias durante um longo período de tempo. Temos sérios motivos para supor que esta ampla região foi povoada pelo menos desde o mesolítico. A grande massa da população falava aqui línguas e dialectos indo-europeus. Provavelmente já em épocas antiquíssimas aqui penetraram grupos mais ou menos numerosos de tribos não indo-europeias, mas não deixaram marcas consideráveis»⁹⁶.

A favor de uma origem paleolítica das populações de língua indo-europeia também se pronunciou M. Durante em 1974: «o indo-europeu protoneolítico tem atrás de si uma longuíssima história de vicissitudes por nós desconhecidas, que não é audacioso fazer remontar ao paleolítico superior (cerca de 30 000-15 000 a. C.)»⁹⁷.

Finalmente, também G. Devoto que, no entanto, poucos anos antes na sua *summa* de 1962⁹⁸ sobre os Indo-Europeus, rejeitara – embora a considerasse «nada inverosímil» – a hipótese paleolítica de H. Kühn e ficara ancorado ao III milénio como data limite para a unidade indo-europeia⁹⁹, num dos seus últimos trabalhos, publicado postumamente em 1978¹⁰⁰, confirmando-se como estudioso atento aos desenvolvimentos teóricos da linguística e da ciência em geral¹⁰¹, defendera que a descoberta do micénico, isto é, de outra língua indo-europeia plenamente formada e articulada já no II milénio a. C., obrigava a uma profunda revisão da cronologia indo-europeia e a sugerir a vinda dos Indo-Europeus para a Itália já na época pré-neolítica¹⁰².

Em anos mais próximos de nós, pronunciaram-se com decisão e abundância de argumentos a favor de uma origem paleolítica dos Indo-Europeus, os arqueólogos H. L. Thomas¹⁰³, A. Häusler¹⁰⁴ e sobretudo M. Otte, actualmente um dos maiores especialistas do sector:

«[...] from the strictly archaeological point of view, the fringes of the European continent retrace a phenomenon of complete continuity between the last hunters and the most authentic Indo-European populations known from the texts: Celts, Germans, Slavs. On the one hand, Neolithic movements seem to occur within a homogeneous ethnic mass; on the other, the isolated areas where this continuity becomes evident reveal their purely Indo-European nature. The other innovations

(religious, metallurgical, agricultural) merely accompany a fundamental evolution that is peculiar to the whole of humanity: one finds them in the New World, in sub-Saharan Africa and in the Far East. Going backwards from the local Mesolithic to the ancestral cultures, one can harmoniously trace things back through migrations and adaptations to the Magdalenian cultures and then to whole of the European Upper Palaeolithic. All the history of this period in Europe is now well established and forms a coherent picture in which extra-European interventions are almost nonexistent. Finally, the only true break visible in terms of archaeology and human palaeontology (and hence of ethnic group) corresponds to the transition from the Middle Palaeolithic (Neanderthal Man) to the Upper Palaeolithic ("Modern" or "Cro-Magnon Man"). It is from this moment onward that a history of cultures develops on this continent in an autonomous way. It is also from this moment that continuity begins and lasts until proto-history.

[...] The complexity of the concepts peculiar to the Upper Palaeolithic (images, myths, pendants), as much as their integration into a social environment that was both supple and effective (composite tools, ballistic weapons), displays a language capacity that is equivalent to that of today. This potential was in place 40,000 years ago, and from then on permitted the later development of ideas and words without any apparent archaeological discontinuity up to presentday peoples»¹⁰⁵.

Enquanto entre os linguistas, se F. R. Adrados, num recente manual, trata de um pré-indo-europeu mesolítico¹⁰⁶, tal como W. P. Lehmann¹⁰⁷, F. Villar trouxe agora à luz, embora talvez inconscientemente, dados linguísticos posteriores, significativos, em apoio da hipótese paleolítica¹⁰⁸.

Em suma, longe portanto de ser uma moda actual, como pensa, entre outros, J. Mallory¹⁰⁹, a insatisfação pela datação *standard* e a necessidade de um decidido alargamento do horizonte temporal indo-europeu, em certos casos levado até ao paleolítico, noutros, colocado no mesolítico, eram e são sentidas por grande número de especialistas, até do passado, e, decerto, não dos menos importantes.

Hoje, considera-se que o homem anatomicamente moderno nasceu pela primeira vez em África, provavelmente na zona oriental subsariana, há cerca de 150-100 000 anos por especiação, e que depois se expan-

diu sem hibridação¹¹⁰ a partir de África por alturas de 70-60 000 a. C., povoando rapidamente todo o globo e substituindo gradualmente as populações de *Homo erectus* e de *Homo sapiens* arcaicos preexistentes¹¹¹.

Graças aos últimos estudos de genética, de paleontologia e de antropologia física¹¹², a hipótese multirregional, isto é, que o homem moderno surgiu em diversos lugares (policentrismo) e descende por continuidade genética de várias populações arcaicas diferentes entre si e diversamente deslocadas pelo mundo, perdeu hoje em dia boa parte do seu fascínio, e os especialistas do sector consideram-na já superada, embora na teoria «africana» ainda nem tudo se demonstre plenamente convincente¹¹³.

Tendo em conta os dados actuais, o homem moderno chegou à Europa por volta de 40 000 a. C., onde ao princípio conviveu durante alguns milénios com os últimos grupos de neandertais¹¹⁴; o desaparecimento definitivo destes últimos, que verosimilmente se terá dado por qualquer desvantagem evolutiva ou por causas ecológico-climáticas e não por genocídio¹¹⁵, coincide com os inícios do paleolítico superior (35-30 000 a. C.), ou seja, com aquela que, para todos os efeitos, se deve considerar como a viragem cognitivo-cultural que conduziu o *Homo sapiens sapiens* à via da hominização, que ainda hoje percorre.

O desenvolvimento cultural, no sentido mais amplo do termo, foi tão rápido e tão acentuado em relação às longuíssimas e estagnantes épocas anteriores que muitos especialistas consideraram que se deveria identificar no surgimento da linguagem verbal articulada o único factor capaz de explicar de qualquer modo aquela que, com ênfase não totalmente injustificada, foi chamada «a revolução do paleolítico superior»¹¹⁶.

Uma vez que persistem, até pelo atraso histórico das investigações a que aludi acima, muitas dúvidas acerca da origem da linguagem moderna, isto é, se se deve fazê-la coincidir com a do *Homo sapiens sapiens* ou fazê-la remontar mais atrás até às primeiras aparições do género *Homo*, proponho aqui limitarmo-nos ao que hoje sabemos de certeza, ou seja, que os primeiros grupos de homens anatomicamente modernos que, vindos de África, chegaram à Eurásia falavam uma linguagem foneticamente articulada funcionalmente semelhante às línguas actuais¹¹⁷.

Na base dos dados actualmente disponíveis também pode afirmar-se que, após um crescimento demográfico inicial que levou o homem moderno a ocupar toda a África, um incremento mais amplo da popu-

lação conduziu-o para fora de África e à progressiva ocupação da Ásia, provavelmente através do estreito do Suez e navegando pelas costas meridionais do continente, e daí, em seguida, ao povoamento precoce da Oceânia (50 000 a. C.?). Enquanto a América foi a última a ser alcançada e povoada, talvez apenas cerca de 15 000 a. C. e através do Norte, a primeira grande migração chegou à Europa eventualmente proveniente, em grande parte, do Leste Asiático e em menor quantidade da Anatólia e do estreito de Gibraltar.

O homem de Cro-Magnon, portador da inovadora cultura aurignacense, povoou rapidamente o continente, atingindo as suas ramificações sul-ibéricas cerca de 30 000 a. C. As análises genéticas, de cujas interpretações todavia ainda não os especialistas não são unânimes¹¹⁸, estabeleceram que grande parte (cerca de 75 por cento) da composição genética da população europeia foi determinada pelas migrações de *Homo sapiens sapiens* efectuadas no decorrer do paleolítico superior, e que a tal património se deve acrescentar um contributo genético (inferior a 20 por cento) remontando – talvez – a migrações sucessivas da transição neolítica e a partir do Próximo Oriente. As mesmas análises genéticas evidenciam também uma migração no Paleolítico Superior (cerca de 18 000 a. C.) do Sul para o Norte da Europa, provavelmente ligada a factores climáticos (antes e depois da última glaciação)¹¹⁹, enquanto, por agora, ainda há poucas pistas genéticas atribuíveis com certeza a infiltrações de populações vindas das estepes da Ásia Oriental para a Europa cerca do IV-III milénio a. C., como pretendia a teoria kurgânica.

No que respeita aos aspectos etnoantropológicos e sociocognitivos, é hoje opinião corrente que a cultura que se inicia no paleolítico superior terá sido de modo a poder afirmar-se que nela já estavam presentes todas as propriedades fundamentais da mente humana: (auto)consciência¹²⁰, símbolos¹²¹, ritos, mitos¹²², arte¹²³, uso consciente de concatenações operacionais e de tecnologias complexas¹²⁴, formas diferentes de organização social e territorial¹²⁵, sepulturas¹²⁶, tatuagens e ornamentos pessoais¹²⁷, etc., tudo isto com início conhecido no paleolítico superior¹²⁸.

De acordo com um estudo recente, na base também dos dados mais significativos que começam a surgir do trabalho nos locais paleolíticos espanhóis da Sierra de Atapuerca,

«[...] é possível que só dois factores tenham concedido aos nossos antepassados a vantagem definitiva. Em primeiro lugar, inventaram um novo modo de fabricar utensílios (o Aurignacense), que foram desenvolvendo e aperfeiçoando cada vez mais. A sua entrada na Europa deu-se com esta tecnologia. [...] O segundo factor, paradoxalmente, foi o clima. Embora há 40 000 anos não se tivesse chegado ainda ao pico glacial, o clima na Europa Central e Setentrional era frio, e renas e mamutes vagueavam por uma estepe interminável em grandes manadas. Os Cro-Magnon não estavam biologicamente bem adaptados ao frio, aliás, acontecia precisamente o contrário, mas *os seus sistemas simbólicos permitiram-lhes adaptar-se ao território como uma pele e constituir alianças entre grupos separados por grandes distâncias*. O que os unia entre si, aos seus antepassados e à natureza, eram os velhos mitos, que mais não são que recolhas de histórias¹²⁹. E contar histórias era a sua especialidade. Quanto mais adversas eram as condições ambientais, e menor e mais dispersa a população humana, maior era a sua vantagem»¹³⁰.

Nos tempos em que o mito era o sistema fundamental de representação e de organização do universo mental da Humanidade, a consciência assumia as formas e os conteúdos do património tradicional de contos míticos colectiva e individualmente próprios de uma dada população. O *corpus* formado pelos contos tradicionais constituía a referência primária para a tomada de decisões e a resolução de problemas do grupo social, grupo que esse *corpus* contribuía para manter coeso, assegurando aos seus membros, através da partilha de uma estrutura comum de pensamento, a consciência da sua identidade social; o próprio *corpus* mítico-ritual assegurava, pois, ao grupo a sobrevivência nos diversos climas do mundo, oferecendo aos seus membros, através da tradição de acções concretas e de atitudes mentais de que era portador, um programa completo de finalidades vitais específicas¹³¹.

Mas, através da ritualização,

«o comportamento de caça consolidou-se, tornando-se ao mesmo tempo transmissível; assim se manteve bem para além da era dos primeiros caçadores. Isto não se explica apenas na base da transmissão dos costumes: os próprios ritos eram indispensáveis para a sua particular eficácia. Parece claro que no decorrer da pré-história e da história só se impuseram os grupos que se tinham consolidado através da força mortal presente no ritual [e na mitologia]. A primeiríssima comunidade humana constituíra-

-se pela matança colectiva na caça; no ritual sacrificial a sociedade encontrou, em seguida, a sua própria forma, graças à solidarização, à cooperação articulada e à instituição de uma ordem inabalável»¹³².

Neste tipo de sociedade, como traz «uma evidente vantagem selectiva» e é fundamental «para a sobrevivência da identidade do próprio grupo», o sistema mitológico-ritual

«coloca-se no topo da pirâmide cognitiva; não só regula o comportamento e defende ciosamente o conhecimento, como dá vínculos à percepção da realidade e canaliza as capacidades de pensamento dos que a ele aderem. E quem era responsável pela conservação e gestão do sistema mitológico – sacerdotes e xamãs – detinha posições de grande poder na hierarquia cognitiva do grupo»¹³³.

A conservação e a transmissão oral destas tradições mítico-rituais era pois confiada a feiticeiros/xamãs, homens do sagrado e do saber etnolinguístico cuja existência está documentada pelas pinturas rupestres, com imagens esplêndidas e inquietantes, desde os inícios do paleolítico superior¹³⁴.

Segundo M. Donald e outros especialistas¹³⁵, a invenção visual-simbólica e visual-gráfica, isto é, a descoberta efectuada no paleolítico superior do uso simbólico dos meios gráfico-pictóricos, de que as pinturas murais, as insculturas em instrumentos, os amuletos, as tatuagens, a coloração dos ossos dos mortos e a disposição ritual dos objectos são expressão, representa não só uma das fases mais significativas da evolução cognitiva da Humanidade, mas também, intrinsecamente, um método de armazenamento na memória externa:

«há que fazer uma distinção entre a memória contida dentro do indivíduo e a memória como parte de um sistema de armazenamento colectivo e externo. A primeira reside no cérebro, e assim podemos defini-la como *memória biológica*. A segunda pode localizar-se em muitos armazéns exteriores diferentes, incluindo os sistemas de armazenamento visual e electrónico¹³⁶, ou *as recordações de outros indivíduos que são transmitidas culturalmente*. A característica fundamental do segundo tipo de memória é ser exterior à memória biológica de uma determinada pessoa, pelo que lhe chamaremos *memória externa*»¹³⁷.

A investigação antropológica e histórico-religiosa também tem trazido à luz do dia importantes vestígios paleomesolíticos¹³⁸ presentes no património mitológico e cultural de algumas populações indo-europeias históricas¹³⁹, entre as quais por exemplo os Celtas¹⁴⁰, os Gregos¹⁴¹ e os Eslavos¹⁴².

Graças aos estudos recentes da língua poética indo-europeia¹⁴³, isto é, às pesquisas sistemáticas da comparação linguístico-textual e poetológica entre as literaturas indo-europeias arcaicas, cujos resultados levaram à descoberta de uma linguagem poética comum às principais línguas indo-europeias¹⁴⁴, embora com formas e modos diferentes, temos hoje indícios suficientes para afirmar que estes e outros vestígios, de tipo linguístico e cognitivo, todos verosimilmente parte de um mais amplo património oral acumulado pelas populações de língua indo-europeia a partir do paleolítico superior, chegaram até nós por meio da tradição sapiencial indo-europeia, uma tradição veiculada, codificada e transmitida justamente pela língua poética, fenómeno este considerado já como o mais importante dos acontecimentos intelectuais que marcaram a história da circulação linguística dentro do mundo indo-europeu no período pré-histórico e proto-histórico¹⁴⁵. Efectivamente, é provável que a língua poética indo-europeia, no seu longo processo que terminou na sua fixação canónica, tenha recolhido a herança de tais formas primigénias de sabedoria, acolhendo em si, e por consequência salvando do esquecimento e transmitindo, muito daquilo que, iniciado no paleolítico superior, passara a fazer parte da tradição oral, e que tenha sido por esse motivo que é possível reconhecer nela vestígios linguísticos, mítico-rituais e cognitivos desses períodos remotos. Vejamos como¹⁴⁶.

Antes de mais, as características gerais desta linguagem devem fixar-se da maneira seguinte:

1) trata-se de textos orais, em poesia ou em prosa rítmica¹⁴⁷, demarcados da língua quotidiana, para assim poderem ser memorizados e recordados¹⁴⁸, mas também organizados, veiculados e transformados em significantes pela língua poética, enquanto língua dos textos poéticos, e pelo conjunto das técnicas estilístico-poetológicas que permitem a sua distinção, a demarcação em relação à prosa quotidiana;

2) numa sociedade primitiva ou arcaica, a literatura oral constitui a *summa* dos saberes daquela específica etnia¹⁴⁹;

3) é fruto de uma elaboração colectiva¹⁵⁰;

4) nas sociedades sem escrita a função da língua poética é a de fornecer *significação* no contexto mítico-ritual, exprimindo através da narração pública o que uma dada sociedade num dado momento afirma sobre si mesma¹⁵¹;

5) o que marca a língua poética em relação à língua quotidiana é a presença do *ritmo*, isto é, a presença de conscientes estruturas formais e semânticas tais, que a organização do texto assume um andamento coerentemente cadenciado¹⁵²;

6) a partir de certo momento, os textos mais antigos das línguas indo-europeias tornaram-se *formulações orais normalizadas*, ou seja, textos fixos¹⁵³. De facto, a língua poética indo-europeia a certa altura da sua história, verosimilmente na passagem à fase rapsódica, formalizou-se conscientemente numa língua literária¹⁵⁴, isto é, na língua de uma literatura em verso, modificando e adaptando os instrumentos poéticos da fase pré-literária, ou seja, a própria língua poética.

Dito isto, no mundo de língua indo-europeia, é lícito supor que uma fase de consolidação e de fixação da tradição oral formada a partir de inícios do paleolítico superior, que verosimilmente se terá dado entre o fim do paleolítico superior e o decorrer do mesolítico, coincidindo com a progressiva estabilização dos assentamentos, significou, do ponto de vista cognitivo, a criação de um sistema de armazenamento simbólico externo (SASE), de fruição colectiva e oral nas ocasiões públicas, e composto pelo *corpus* dos contos tradicionais, um SASE integrado por sua vez num campo da memória externa (CME) individual e colectivo, ou seja, as recordações pessoais e as expectativas do auditório.

A língua poética, na sua dupla acepção de língua dos textos poéticos e de conjunto de técnicas poético-culturais que a demarcam, enquanto língua, em relação à prosa quotidiana, e também enquanto sistema de codificação e de transmissão, através das fórmulas¹⁵⁵, dos temas¹⁵⁶ e das taxonomias¹⁵⁷ que a estruturam, da cultura tradicional expressa no *corpus* mítico-ritual, em seguida transformou-se, cognitiva-

mente, no mapa¹⁵⁸ do SASE, isto é, do próprio *corpus* mítico-ritual, que já não se podia gerir, pelas suas dimensões e importância, só pela memória biológica individual, e portanto colocado numa memória externa, um sistema formado pela língua poética, pelo *corpus* dos contos tradicionais, pela mente e pela memória dos poetas e do seu público, um sistema biocibernético criatural em que amplas porções da rede pensante são situadas fora do corpo¹⁵⁹.

A tarefa de transmitir, conservar e adaptar progressivamente este SASE às necessidades do grupo social, salvaguardando assim a consciência de si, a identidade etnolinguística, a consciência da própria população de existir como entidade autónoma no mundo, foi assumida pelos herdeiros dos xamãs paleomesolíticos, os poetas¹⁶⁰, que, tornando-se também os depositários do mapa de acesso ao próprio SASE¹⁶¹ – isto é, das técnicas de conservação, organização e transmissão linguística e cultural da tradição herdada –, aumentaram enormemente o seu poder na hierarquia cognitiva do grupo, podendo assim, a seguir, conduzir também a aceitação ou a recusa, por parte do mesmo grupo, de novas tecnologias, como, por exemplo, a agricultura, a domesticação do cavalo ou o uso do carro, ou de novos sistemas cognitivos, como por exemplo a escrita.

Também pertence verosimilmente em grande parte a esta fase paleolítica superior e mesolítica de consolidação da tradição herdada do paleolítico a primeira organização da enciclopédia oral do conhecimento¹⁶² em específicas taxonomias etnocientíficas. Esta organização, assente em programas biológicos de acção¹⁶³ e construída com motivemas¹⁶⁴, encontra na narração mitológica dos contos tradicionais a sua modalidade linear de expressão linguística¹⁶⁵, aumenta o léxico especializado e as capacidades cognitivas a este associadas, e cria as primeiras diversificações intertribais importantes. A formação de algumas taxonomias reconstruídas pela investigação¹⁶⁶ deve remontar de facto a esta fase; as tradições linguísticas que ficam excluídas deste processo de organização taxonómica diversificam-se e alheiam-se das outras tradições, enquanto as que aí participam desenvolvem um léxico especializado comum, a fraseologia tradicional¹⁶⁷, e reforçam as ligações entre si, iniciando, por meio da formularidade, a normalização textual primeiro, e, em seguida, a fixação do cânone¹⁶⁸. Grande parte das comparações poéticas indo-europeias de mais larga atestação remonta provavelmente a este período; é também a diversidade dos acontecimentos histórico-culturais que traça

cada percurso, de modo a ficar mais ou menos dentro da tradição poética herdada. Nesta transição, em que dos pequenos *bandos* de caçadores-recolectores se passa às *tribos* mesolíticas e pre-neolíticas, a língua poética indo-europeia contribui também para reforçar a auto-identificação tribal, dirigindo-a para o *ethnos*¹⁶⁹ propriamente dito.

Uma segunda, sucessiva e mais importante fase de ordenamento da tradição poética indo-europeia foi a que ficou a dever-se aos efeitos da transição neolítica, no seu conjunto de desenvolvimentos locais, difusão de novas culturas e de limitadas infiltrações démicas de populações do Próximo Oriente. Devido às necessidades de auto-reforço psíquico-coesivo derivadas do encontro com grupos não indo-europeus provenientes do Próximo Oriente, provavelmente, pelo menos em parte, na posse de culturas dotadas de instrumentos tecnológica e cognitivamente mais avançados - entre os quais a certa altura também a escrita¹⁷⁰ -, portanto, potencialmente hegemónicos, a língua poética foi assumida definitivamente por alguns povos indo-europeus como papel de garante da sua identidade etnolinguística, transformando-se em forma e substância da sua consciência de pertença e de desejo de permanência numa cultura assente na tradicional «arte do dizer» indo-europeia, na tradição oral transmitida de geração em geração pelos seus poetas. Nesta fase, em defesa de tal tradição nasceu uma casta de poetas profissionais, enquadrada em famílias de poetas e em escolas poéticas, que fez crescer e refinou o hermetismo, aumentando a importância da harmonização da forma fónica e das figuras fonéticas¹⁷¹, até porque os textos se iam definitivamente fixando, e o ritmo e a melodia são fundamentais para a memorização *verbum de verbo*, assim como, pelos mesmos motivos, diminuiu a liberdade de associação a favor da fraseologia e da temática tradicional esperada pelo auditório, e se instaurou por fim um verdadeiro esoterismo de escrita.

A este propósito, sabe-se, efectivamente, que as populações indo-europeias nunca deram vida a um sistema próprio de escrita original, mas «aprenderam a escrever com alguns grupos com quem se cruzaram»¹⁷². Sabe-se igualmente que na época proto-histórica e histórica várias populações indo-europeias, embora já conhecessem a escrita há algum tempo, no entanto não a utilizavam para transmitir publicamente a própria cultura: entre estas populações a escrita era um saber para iniciados, e a sua utilização e difusão foram sempre obstaculizados e hostili-

zados pelos que detinham o monopólio da tradição sapiencial oral, os poetas. Era assim no mundo céltico¹⁷³, no germânico¹⁷⁴, grego¹⁷⁵, romano arcaico e itálico¹⁷⁶, indiano e irânico antigo¹⁷⁷. As instâncias últimas deste comportamento remontam a uma verdadeira ideologia indo-europeia da memória¹⁷⁸, e remetem para a tradição hermética dos poetas indo-europeus e para o conhecimento da escrita como parte da sua instrução iniciática, para a literatura de enigmas, e para as passagens de dupla leitura evidenciadas pelas investigações¹⁷⁹. Em suma, os Indo-Europeus aprenderam a escrita, provavelmente desde o seu primeiro surgimento, com as populações não indo-europeias do Próximo Oriente¹⁸⁰, mas constituindo essa, pela sua natureza, um saber especializado¹⁸¹, só foi assumida como parte da bagagem de sapiência hermética transmitida pelo ensino tradicional aos jovens poetas¹⁸², porque aqueles que eram destinados à conservação e à transmissão do património tradicional, os poetas e os sacerdotes, se aperceberam de que a difusão da escrita e o seu uso generalizado abalariam pelos alicerces o sentimento de auto-identificação que sustentava as suas sociedades – ou seja, a tradição oral codificada e transmitida pela língua poética – e, para além de minarem pela base o seu ascendente sobre as pessoas «incultas», poderiam ainda causar a assimilação étnica e linguística das suas culturas e dos seus povos por civilizações mais avançadas, no processo de transição neolítica, com as quais haviam entrado em contacto¹⁸³.

Mais tarde, na época calcolítica, quando as tribos já se tinham tornado povos, nalgumas tradições poéticas indo-europeias, como por exemplo, a védica, a futura redacção da tradição num cânone poético¹⁸⁴ e o fim da oralidade primária devido ao início do uso da escrita para transmitir a cultura elevada coincidiram com uma crise ideológica e uma alteração cultural, factos que implicaram, de resto, a passagem definitiva da custódia da tradição dos poetas para os sacerdotes. Com o desaparecimento dos poetas e das sociedades de oralidade primária de quem eram filhos e mestres, a ideologia da memória oral de que eles eram portadores, e que valera a conservação das tradições indo-europeias até então, entrou em crise, porque os recursos narrativos da língua poética mudaram radicalmente com as transformações da sociedade, empobrecendo-se a favor da nascente literatura escrita individual, perdendo a sua hegemonia a favor, nuns casos como os da Índia e do Irão¹⁸⁵, das religiões reveladas ou institucionais, ou noutros, como na Itália antiga¹⁸⁶, a favor das aristocracias gentílicas e das suas culturas elitistas.

A língua poética indo-europeia nessa altura, todavia, já tinha cumprido a sua função: assegurar às populações indo-europeias que dela tinham fruído a salvaguarda da sua identidade etnolinguística e da sua tradição cultural na longa continuidade processual, dinâmica e conflitual que as conduziu do paleolítico à era dos metais, tornando-a o mais importante dos acontecimentos intelectuais que marcaram a história da circulação linguística dentro do mundo indo-europeu¹⁸⁷.

Na base do que se disse até agora e remetendo para os trabalhos acima citados para a definição e a indicação do que por razões de espaço não podemos aqui referir (outros dados, ulterior bibliografia, etc.), então as linhas gerais da teoria paleolítica poder-se-ão estabelecer da maneira seguinte:

1) a pátria originária dos Indo-Europeus seria a África, isto é, a mesma de todas as populações modernas e de todos os *phyla* linguísticos do mundo¹⁸⁸;

2) os mais antigos assentamentos das populações indo-europeias fora da África corresponderiam aos territórios ocupados actualmente pelas línguas indo-europeias¹⁸⁹;

3) a Europa teria sido ocupada pelos Indo-Europeus, desde as primeiras datações determinadas pelas pesquisas, juntamente com outras populações não indo-europeias como as urálicas¹⁹⁰, e que portanto devem ser consideradas *peri*-indo-europeias (línguas em contacto, adstratos) e já não *pré*-indo-europeias (substratos);

4) as línguas indo-europeias, mas também as não-indo-europeias presentes no território eurasiático, já teriam sido divididas e formadas a partir pelo menos do mesolítico¹⁹¹;

5) todas as invasões maciças, neolíticas ou calcolíticas, estariam excluídas, e as limitadas invasões e infiltrações locais documentadas pela arqueologia e/ou pela genética constituiriam factores de hibridização e não de substituição¹⁹²;

6) a agricultura ter-se-ia difundido na Eurásia segundo um modelo complexo e integrado, em mosaico, de desenvolvimentos locais, de aculturação e de limitada difusão démica por parte de grupos não indo-europeus¹⁹³;

7) as populações de cultura kurgânica surgidas no calcolítico seriam

de origem altaica, e a sua influência sobre o mundo indo-europeu teria sido linguística, genética e culturalmente muito limitada¹⁹⁴;

8) na sua longuíssima história, a continuidade dos contactos trans-tribais e a identidade etnolinguística e sociocultural das populações de língua indo-europeia teriam sido asseguradas pela tradição reflectida na língua poética¹⁹⁵.

Em conclusão, considero ser possível afirmar que existe já *nos factos* um novo paradigma metodológico que orienta de modo consciente o decorrer actual dos estudos sobre o indo-europeu: a interacção trans-disciplinar e paritária entre antropologia, arqueologia, genética, linguística, paleoetnologia, ciências cognitivas e história das religiões, já é vista efectivamente por muitos dos melhores especialistas como uma abordagem necessária e devida ao objecto a investigar, e já não apenas e com desprezo como coisa de «historiadores da cultura». Uma vez que se tenha verificado em pleno a sua eficácia, e deste ponto de vista a indo-europeística, quer pela antiguidade da disciplina, quer pela complexidade dos problemas a enfrentar, constitui um banco de ensaios ideal, e é desejável que seja em breve alargado também às pesquisas sobre outras famílias linguísticas e à macrocomparação.

A teoria paleolítica que no presente trabalho tentei delinear, resumindo e sintetizando estudos anteriores meus e de outros autores, sobretudo de M. Alinei, aspira, e espero que com algum fundamento, a tornar-se o modelo geral das investigações sobre os Indo-Europeus orientado de acordo com o novo paradigma emergente. Uma teoria que apresenta ainda algumas questões a aprofundar e que precisa de ser ulterior e efectivamente aplicada como modelo heurístico aos domínios histórico-linguísticos¹⁹⁶, em suma, de ser usada todos os dias. Uma teoria epistemologicamente poderosa, mas não onnipotente; aberta às explicitações e às melhorias, mas firme nas suas assunções de base; uma teoria que decerto se espera que seja falsificada, desmentida ou superada, como está na ordem normal dos estudos, mas que é também construída para ser definitiva, no sentido do que tem este adjectivo no fazer ciência em consciência: *se não agora, quando?*

NOTAS

- ¹ Em relação às definições de «teoria *standard*» e de «paradigma», remeto para os trabalhos conhecidos de Th. Kuhn.
- ² Para uma história do termo «indo-europeu» e derivados, ver Koerner [1981].
- ³ Ver Costa [1998: parte II, cap. 1], e Id. [2000: 9 segs.]. Este quadro epistemológico não exclui *a priori* o uso de métodos quantitativos, ou seja, estatísticos e probabilísticos, das investigações linguísticas; e, todavia, embora ocultando a falência da glotocronologia (ver tb. Haarmann [1990]), demasiado tosca nos métodos e nas assunções, mesmo só para ser proposta como antecedente histórico-disciplinar, vista a inaplicabilidade nessas investigações de metodologias, tais como as taxonomias numéricas (ver Sokal [1963]) e a cladística (ver Hennig [1963], Farris [1972], [1973], Hoenigswald - Wiener (orgs.) [1987], Sober [1988]; também é útil Herdan [1964]), e a julgar por tentativas como Dyen - Kruskal - Black [1992] (ver tb. Embleton [1986] e Warnow [1996], Pamilo - Nei [1988], Feldman [1989], Penny - Watson - Steel [1993], Edwards [2001], Piazza [2001], Piazza - Minch - Cavalli Sforza [no prelo]), custa-me seguir Cavalli Sforza [1994: 183] na convicção de que a introdução de métodos quantitativos poderá «melhorar muito a classificação linguística». A questão é, contudo, bastante complexa e debatida (fixação de critérios, gerais e comparáveis, de classificação genética, sobreposição das árvores reconstruídas pela linguística com as reconstruídas pela genética, inferição de modelos evolutivos a partir das árvores, etc.) e será tratada em local específico.
- ⁴ Cf. por ex. Carandini [1997].
- ⁵ Cf. Bader [2000], Bracchi [2000], Crevatin [1998], De Vivo [2000], Mandolini Pesaresi [2000].
- ⁶ Entre outros, tb. Alinei [1996], [2000a], [2000b]; útil Morpurgo Davies [1988]. Convém também recordar, com Ruhlen [1994b], ver tb. Id. [1991], [1994a], que o método comparativo «standard» e a comparação «multilateral» de Greenberg (cf. Id. [1995], [1963], [1971], [1987], [1999], [2000], Greenberg - Turner - Zegura [1986], Matisoff [1990], Shevoroshkin [1989a], Barbujani - Pilastro [1993]) são dois métodos complementares e não intrinsecamente opostos. Contudo, aqui não me ocuparei directamente de macrocomparação.
- ⁷ Cf., entre outros, tb. Gamkrelidze - Ivanov [1984], Greenberg [1990], Agostiniani [1993], Fisiak [1996], Gamkrelidze [2001]; útil Koerner [1996].
- ⁸ Ver Bader [1989], [1993], Campanile [1977], [1990], Watkins [1995], Matasovic [1996], Costa [1998], [2000].
- ⁹ Como Bonfante [1989], recenseando Renfrew [1987].
- ¹⁰ Como Devoto [1971], falando das investigações de G. Dumézil; em anos mais recentes e após o falecimento do especialista francês, Schlerath [1995-6] retomou a polémica com força.
- ¹¹ Cf. Costa [1998: 70 segs.].

- ¹² A reconstrução por via linguístico-comparativa de ambos os tipos de cultura tem valências e probabilidades diversas, e portanto implica necessariamente métodos diferentes: cf. Costa [1998: 69 segs.]
- ¹³ Cf. Costa [1998: 265 segs.].
- ¹⁴ Cf. Costa [1998: 70]. A este propósito, devo dizer que acho francamente inoportuno, por parte de um estudioso de fama como C. Renfrew, o tornar a propor ulteriores deslegitimações apriorísticas em relação a outros âmbitos disciplinares que se ocupam da questão indo-europeia [cf. Id., 2001: 129 segs.: «a ideia de que o termo «proto-indo-europeu» possa ser oportunamente associado a qualquer outro aspecto além da língua é errada»], e isto precisamente por parte de quem, até há pouco, se batera para fazer aceitar aos linguistas um ponto de vista não linguístico acerca de uma questão crucial como a das origens indo-europeias: hoje os estudos dos Indo-Europeus precisam de tudo menos disso.
- ¹⁵ Cf. Renfrew [1987]; Ver também Id. [1969], [1973a], [1973b], [1973c], [1987], [1991a], [1991b], [1992a], [1992b], [1993], [1996], [1998a], [1998b], [1999], [2000], [2001]. O estudioso inglês veio depois a modificar parcialmente a sua teoria: cf. *infra*.
- ¹⁶ Sobre estes aspectos, ver Poliakov [1974], Römer [1989], Townson [1992], Dow - Lixfeld (eds.) [1994], Arnold - Hassmann [1995], Alinei [1996], Gardt [1999], Hüllen [1999], Hutton [1999], Koerner [2000].
- ¹⁷ Histórias da linguística, recentes e úteis, são também: Amsterdamska [1987], Koerner [1989], Koerner - Asher [1995].
- ¹⁸ Ver, entre outros, Adrados [1992], Alinei [1996], [2000a], [2000b], Collinge [1995a], [1995b], Mallory [1973], [1989], [1997], Mallory - Adams [1997], Polomé [1994], [1995], Vennemann [1998], Villar [1996].
- ¹⁹ Muito útil Scherer [1968].
- ²⁰ Salvo alguma rara excepção, que veremos mais adiante.
- ²¹ «A rapidez da difusão da língua em áreas novas e o sucesso dos seus falantes sobre os indígenas que eram em maior número podem explicar-se com a mobilidade e a habilidade marcial das populações dos Kurgan.[...] Encontrando novas culturas, estes guerreiros a cavalo com as suas armas superiores derrotaram facilmente a resistência local»: cit. de Gimbutas [1997: 368], trad. it. in Mallory [2001: 149].
- ²² Cit. de Martinet [1986: 6].
- ²³ Sobre a teoria do substrato, ver Silvestri [1974], [1977-82], [1995], Campanile (ed.) [1983], Thomason - Kaufman [1988], Salmons [1992], Drews [1998].
- ²⁴ Não escapou a J. Mallory - o estudioso irlandês incansável e actualmente isolado defensor entre os arqueólogos da teoria kurgânica, se bem que agora, numa versão revista e corrigida por ele (cf. Mallory [2001]) - que o assunto da substituição linguística é crucial: um dos seus últimos trabalhos [cf. Mal-

- lory [2001]) intitula-se precisamente *Os Indo-Europeus e os Povos das Estepes: o Modelo da Substituição das Línguas*. Sobre a «morte das línguas», ver Brenzinger [1992], Dixon [1998], Crystal [2000], Nettle - Romaine, [2000]; sobre a situação escandinava, ver tb. Sajantila - Pääbo [1995].
- ²⁵ Ver Ammerman - Cavalli Sforza [1973], [1984], Cavalli Sforza [1996a], [1996b], Cavalli Sforza - Feldmann [1981], Cavalli Sforza - Menozzi - Piazza [1993], [1994], Cavalli Sforza - Piazza - Menozzi - Mountain [1988], Cavalli Sforza - Minch [1997], Cavalli Sforza - Minch - Mountain [1992], Cavalli Sforza - Wang [1986]. A importância de Ammerman - Cavalli Sforza [1984] para os estudos sobre o indo-europeu pareceu-me evidente desde o seu aparecimento: de facto é minha a primeira, e creio que única, revisão deste trabalho, publicada numa revista italiana de linguística: cf. Costa [1987a]. Ver tb. Hennig [1966], Salzano - Neel - Gershowitz - Migliazza [1977], Harris [1980], Serjeantson - Kirk - Booth [1983], Durham [1984], Nei [1987], Nei - Roychoudhury [1988], Mascie-Taylor - Lasker (orgs.) [1988], Contini - Cappello - Griffo - Rendine - Piazza [1989], Li - Graur [1991], Jackson - Strachan - Dover (orgs.) [1996].
- ²⁶ De M. Gimbutas devem ver-se pelo menos: Ead. [1963], [1965], [1970], [1973a], [1973b], [1974], [1977], [1979], [1980], [1989], [1991], [1997]; a sua bibl. completa está em Marler [1997] Para a bibl. kurgânica seguinte, ver Mallory [1989], Mallory - Adams [1997].
- ²⁷ Ver Gamkrelidze - Ivanov [1984], [1985a], [1985b], Gamkrelidze [1987], [1990]; Th. Gamkrelidze recentemente reafirma a sua posição sobre a cronologia indo-europeia numa conferência no «Circolo Linguistico Fiorentino»: ver Gamkrelidze [2001].
- ²⁸ Na teoria *standard*, a cronologia, que inicialmente adoptava o III milénio como último termo da unidade indo-europeia, foi-se dilatando um pouco, mesmo a seguir à descoberta do micénico e das línguas indo-europeias anatólicas, mas sem nunca superar o limiar fatídico do V milénio; entre as excepções que conheço encontram-se H. Kühn [1934], Meyer [1948], Bosch-Gimpera [1961], Georgiev [1966]: ver *infra*.
- ²⁹ Cf. Alinei [1996], [2000a], [2000b], Ballester [1999], [2000], etc.
- ³⁰ Cf. Renfrew [1987], Alinei [1996], Costa [1998], etc.
- ³¹ Cf. Renfrew [1987], Alinei [1996], etc.; útil Chapman - Hamerow (org.) [1997].
- ³² É porém diferente o caso, por ex., das populações altaicas: cf. Alinei [1996], [2000a], com bibl., e Renfrew [2001: 129].
- ³³ «Não há nenhum testemunho arqueológico que possa demonstrar a presença [do cavalo domesticado e de tiro no âmbito indo-europeu] para períodos anteriores a cerca de 2000 a. C.»: cit. de Renfrew [2001: 127]. Estavam enganados Anthony [1986], [1994], [1995], e Anthony - Brown, [1991a], [1991b]: cf.

- Levine [1990] Mallory – Adams [1997]; ver tb. Goodenough [1970], Parker [1976], Sándor [1974], [1987], [1994], Anreiter – Bartosiewicz – Jerem – Meid (orgs.) [1998], Häusler [1999], Raulwing [2000].
- ³⁴ «On consideration of current methodological limitations together with the linguistic data and archaeological material, as well as the absence of any convincing evidence arising from contemporary interdisciplinary research, it would appear to be unlikely that the Proto-Indo-European could have known or used the chariot»: cit. de Raulwing [2000: 98-99]; cf. tb. Khazanov [1984], Rouse [1986], Francfort (org.) [1990], Harris, D. R. (org.) [1996].
- ³⁵ Cf., entre outros, Renfrew [1987], Alinei [1996], com bibl.; também útil AA.VV. [1977].
- ³⁶ Cit. de Renfrew [1999: 263].
- ³⁷ O modelo matemático da onda de avanço utilizado por Ammermann e Cavalli Sforza é o proposto pela primeira vez por Fisher [1936] e usado depois também por Skellam [1951].
- ³⁸ Ver Forni [1990], Sherrat [1994], [1996], Bar-Yosef [1994], etc.
- ³⁹ Retomando em parte a conhecida hipótese indo-hitita de E. Sturtevant, utilizada depois taxonomicamente por Ruhlen [1994b], também defendeu uma origem anatólica das línguas indo-europeias Dolgopolsky [1987], [1993]; cf. tb. Diakonov [1984], [1990], e ver Carruba [1995] e Finkelberg [1996].
- ⁴⁰ É verdade porém que a indo-europeística nos EUA nunca foi particularmente florescente, mas hoje em dia, mortos ou reformados os velhos especialistas de formação europeia e não brilhando a produção científica das novas levas quanto a qualidade e originalidade, ela já quase por completo desapareceu dos departamentos de linguística, e, para além de uma ou outra ínfima exceção como Berkeley (UCLA), sobrevive na sua maior parte como ensino de gramática histórica greco-latina em poucos departamentos de *Classics*.
- ⁴¹ A situação alemã é de tal ordem que o Instituto de Linguística Comparada da Universidade de Francoforte do Main e a «Indogermanische Gesellschaft» inclusivamente instituíram um comité de crise *on-line*.
- ⁴² Cit. de Pisani [1969: 25]; o itálico é meu.
- ⁴³ Cit. de Pisani [1969: 24].
- ⁴⁴ Cf. Martinet [1986], e sobre este Costa [1989a].
- ⁴⁵ Sobre estes aspectos, também é útil Kerns [1988].
- ⁴⁶ Cf., entre outros, Campanile [1990: 32-36], Meskell [1995], Alinei [1996], Costa [1998: 69 segs.].
- ⁴⁷ Sobre as origens do conceito de estilo e os limites epistemológicos da pesquisa arqueológica, ver Berelov [1996]; ver depois tb. Bapty – Yates (orgs.) [1990], Blench – Spriggs (orgs.) [1997], [1998], [1999a], [1999b], Hodder (org.) [1991], Shennan (org.) [1989], Trigger [1989].
- ⁴⁸ Sobre a visão «feminista» e «new age» de M. Gimbutas do mundo indo-

-europeu, ver Meskell [1995]; uma recapitulação da teoria kurgânica, escrita pela mesma estudiosa lituana pouco antes da sua morte, encontra-se *in* Gimbutas [1997]; um balanço sobre a obra de M. Gimbutas está *in* Polomé [1997], e *in* Marler [2001]: Joan Marler é a sua biógrafa autorizada e executora testamentária. Em geral, sobre língua, linguística e ideologia, um assunto até agora descurado, ver Joseph – Taylor (orgs.) [1990], Kress – Hodge [1993], Simpson [1993], Koerner [2000].

⁴⁹ Para uma discussão mais aprofundada, ver Costa [1998: parte I, cap. 3].

⁵⁰ Como se diz acima, tenho presente aqui os estudos de G. Bateson; para as remissões, ver Costa [1998: parte II, cap.1].

⁵¹ Como observo recentemente também Koerner [2000], não só na reconstrução da pré-história indo-europeia de M. Gimbutas (sobre os antecedentes histórico-científicos e os limites das investigações de M. Gimbutas, ver tb. Kerns [1988] e Häusler [1999]), mas, igualmente, na de Th. Gamkrelidze são bem reconhecíveis instâncias nacionalistas e ideológicas, para este último com um claro forçar dos dados lexicais: cf. Krell [1994], [1998]; sobre ideologia e arqueologia, ver tb. Kohl – Fawcett [1995]. Espero que fique aqui bem claro que as minhas críticas a estes dois especialistas valorosos partem só de um ponto de vista científico; do ponto de vista pessoal, pela sua coragem cívica, dom bastante raro entre os professores universitários, só tenho admiração: Th. Gamkrelidze, deputado ao parlamento, é de facto um dos intelectuais georgianos mais empenhados na difícil transição do seu país para a democracia, enquanto M. Gimbutas (1921-1994) foi na juventude uma combatente pela liberdade da Lituânia, perseguida quer pelos soviéticos quer pelos nazis até à sua fuga para a América.

⁵² Aqui tenho porém em mente o critério de falsificabilidade de Popper.

⁵³ Ver Costa [1998: parte II, cap.1].

⁵⁴ Cf. Eco [1975: 44-5] e Costa [1998: 152 segs.]

⁵⁵ Ver Costa [1998: *Nota Prévia*].

⁵⁶ Ver Renfrew [1999].

⁵⁷ Aqui convém recordar que, como admitem os próprios genetistas, «os dados genéticos não podem fornecer provas certas quanto à datação das migrações» (cit. de Piazza [2001: 77]), nem, como é óbvio, estão em condições de fornecer prova alguma de que línguas falavam os «migrantes».

⁵⁸ Cf. Harris, D. R. [1996], Hodder [1990], Zilhão [1993], Zohary – Hopf [1988], Zvelebil (org.) [1986], [1995], [1996], Zvelebil – Dennell – Domanska (orgs.) [1997], Zvelebil – Dolukhanov [1991], Zvelebil – Zvelebil [1988], etc.

⁵⁹ Cf. Harding – Rosing – Sokal [1989], Bateman [1990], etc.

⁶⁰ Ver Cavalli Sforza [1996a], [1996b], Cavalli Sforza – Minch [1997].

⁶¹ Também Cavalli Sforza tentou, na minha opinião com escasso sucesso, unificar a teoria neolítica com alguns aspectos da kurgânica: ver Cavalli Sforza

- [1996a], [1996b].
- ⁶² Cf. Zvelebil (org.) [1986], [1995], [1996], Zvelebil – Dennell – Domanska (orgs.) [1997], Zvelebil – Dolukhanov [1991], Zvelebil – Zvelebil [1988].
- ⁶³ Cf. Renfrew [1999], [2000], [2001].
- ⁶⁴ Ver Lichardus – Lichardus Itten [1985], Gamble [1986], Smirnov [1989], Otte [1990a], [1990b], [1994a], [1994b], [1995], [1997], Peroni [1996], Alinei [1996], [2000a], com bibl.
- ⁶⁵ Cf. sobretudo Torroni [2000], Torroni (*et al.*) [1998], AA.VV. [2000], Sykes [1999], Richards, M. (*et al.*) [1996], [2000], Chikhi (*et al.*) [1998]
- ⁶⁶ Ver Sinor [1988], Julku – Wiik (orgs.) [1998], ambos com ulterior bibl., e Alinei [2000b].
- ⁶⁷ Ver Clark [1975], Nuñez [1987], [1997], Nygaard [1989], Sajantila – Pääbo, Guglielmino Matessi (*et al.*) [1990], Semino (*et al.*) [2000a], [2000b], Zvelebil [1996], Zvelebil – Dennell – Domanska. (orgs.) [1997], Zvelebil – Dolukhanov [1991], Lahermo [1999].
- ⁶⁸ Cit. de Villar [2001: 212].
- ⁶⁹ Cf. Sherrat [1994], [1996], Alinei [2000b], etc.
- ⁷⁰ Ver Georgiev [1966], Devoto [1969], [1975], [1978], Durante [1977].
- ⁷¹ Ver Adrados – Bernabé – Mendoza [1995-1999], Alinei [1996], [2000a], Costa [1998], [2000].
- ⁷² Em geral, ver tb. Kozlowsky – Kozlowsky [1979], Soffer – Gamble (orgs.) [1990], Sherrat [1997], Levine – Rassamakin – Kislenko – Tatarintseva (orgs.) [1999], Alinei [1996: 336 segs.].
- ⁷³ Cf. Mallory [2001]; as citações que se seguem são extraídas daqui. O itálico é meu.
- ⁷⁴ Cf. Bellwood [1996].
- ⁷⁵ Cf. nota 56.
- ⁷⁶ Ver Barbujani [1991], Barbujani – Bertorelle – Chikhi [1998], Barbujani – Pilastro [1993], Barbujani – Sokal [1990], Sokal [1988], [1990], [1990b], Sokal – Harding – Oden [1989], Sokal – Oden – Thompson [1988], Sokal – Oden – Wilson [1991], Housley – Gamble – Street – Pettitt [1997], e sobretudo Torroni [2000], Torroni *et al.* [1998], AA.VV. [2000], Sykes [1999], Richards, M. (*et al.*) [1996], [2000], Chikhi (*et al.*) [1998].
- ⁷⁷ Penso também aqui, como outros (ver Chomsky [1988], Nerlich [1990], Alinei [1996], [2000b], Carstairs-McCarthy [1999], etc.) no bem conhecido veto imposto pela «Société Linguistique de Paris» em 1866 às investigações da origem da linguagem e da pré-história linguística: creio que salta aos olhos de todos o resultado de se terem deixado as investigações das origens da linguagem, durante 135 anos, nas mãos dos não linguistas.
- ⁷⁸ A questão merece novos aprofundamentos historiográficos, mas provavelmente tem razão Alinei [1996: cap. 11, *L'influenza del catastrofismo sulla linguis-*

tica storica].

⁷⁹ Cit. de Koerner [2000: 19], o itálico é do A.

⁸⁰ Ver tb. Olender [1989], [1996].

⁸¹ Está agora para dar ao prelo um volume sobre o etrusco, de M. Alinei.

⁸² A teoria da continuidade foi apresentada por M. Alinei em vários congressos, suscitando muito interesse e obtendo amplos consensos: ver Alinei [2000b], AA.VV. [2001]; negativas as primeiras reacções de alguns linguistas italianos: ver Alinei [1999]; plenamente convicta em contrapartida a adesão de X. Ballester [1999], [2000] e F. Cavazza [2000] à teoria da continuidade.

⁸³ Se bem entendido, F. Bader [2000] e F. Crevatin [1998], recenseando Costa [1998], parecem aceitar a minha versão da teoria paleolítica indo-europeia.

^{83a} Cf. Costa [b].

⁸⁴ Ver Costa [a], [c].

⁸⁵ A Herbert Kühn (1895-1980), discípulo de H. Wölfflin, por sua vez aluno de J. Burchhardt, em Munique, e professor de Arte Pré-Histórica em Colónia a partir de 1928, o Governo nazi retirou-lhe todos os cargos académicos em 1935; recupera em 1946 a Cátedra de Pré-História em Mogúncia.

⁸⁶ Cit. de Kühn [1934: 240], o itálico é meu; ver tb. Kühn [1976: 328 segs.].

[N. E. «assim, não existe uma cultura neolítica que abranja todo o círculo, ou universo, indogermânico acima mencionado, e sobretudo nenhuma que se expanda desde o Irão ou Europa do Sul até à Europa Central ou Europa do Norte. E depois do Neolítico, na Idade do Bronze, já não se encontra uma unidade entre os povos; desta época já conhecemos os Germanos, os Celtas, os Micénicos e os Mitanni. Assim, pretendo estabelecer, e pela primeira vez clarificar, que nenhum povo neolítico terá sido o povo original indogermânico e que a base deste problema se alterou devido à investigação linguística. A procura da solução tem sido prejudicada pela mistura da migração para a Índia com a questão acerca do local originário. Na realidade, a equação do Metal apenas nos fala acerca da época da migração para a Índia, e nada sobre o berço ou sobre o povo não dividido. Na Idade do Bronze ele certamente já não existia, mas no Neolítico, onde até agora se tem procurado em exclusivo, também não. *Só pode ter existido antes, no Paleolítico, e, conseqüentemente, só nesse tempo a Europa terá tido uma única face, uma única estrutura; no Neolítico os povos já estavam separados.*»]

⁸⁷ Cf. Schwantes [1939], [1958].

⁸⁸ Num trabalho recente, A. J. Ammermann [cf. Id. 2001] afirma que «o indigenismo [é] um ponto de vista segundo o qual uma sociedade no passado remoto ou numa longínqua parte do mundo pode ser melhor compreendida, se for considerada como um sistema fechado e endógeno. Na antropologia e na arqueologia, o “indigenismo” é uma teoria que tenta ler o que sucede na vida de uma sociedade ou de uma população como um fenómeno autónomo

e independente». Ainda segundo Ammermann, o indigenismo estaria na base do estruturalismo e ligado ao nacionalismo chauvinista, teria a ver com «a preocupação que agora, na época do pós-Holocausto, todos associamos com a dispersão das gentes», e seria «uma involução pós-colonial, cujo objectivo principal é reescrever o passado». Resumindo, «um anacronismo: algo proveniente de outra época (um modo de representar e de interpretar o passado ligado aos anos da Guerra Fria), incompatível e incongruente com o presente». Não sendo eu nem antropólogo estruturalista nem historiador revisionista, deixo a outros a tarefa de comentar este curioso *excursus* de história recente da ciência. Contudo, se o alvo de Ammermann é também a teoria paleolítica em toda a parte apresentada, como parecia entender-se pelo fim do seu artigo, então convém indicar-lhe que, se ele se tivesse dado ao trabalho de ler com atenção o que Alinei e eu publicámos, notaria que nenhum dos dois falou alguma vez de uma origem exclusivamente autóctone da agricultura europeia ou diminuiu a importância da transição neolítica. Se Ammermann quisesse, afinal, enfrentar seriamente esses assuntos, melhor faria se procurasse outros alvos para as suas frechadas, por ex. na tendência agora em voga na Índia – esta sim, revisionista, revanchista e pós-colonial! – e que se reduz à «out of India theory», uma teoria que não é por acaso que põe as origens dos Indo-Europeus no subcontinente indiano. A esta última respondeu agora, à altura, ou seja, com 93 páginas de argumentações científicas, M. Witzel [2001].

⁸⁹ Cf. Paret [1942], [1946].

⁹⁰ Cf. Wenskus [1961: 143 segs.].

⁹¹ Cf. Neustupny [1976].

⁹² Cit. de E. Meyer [1948: 276].

⁹³ Cit. de Th. Burrow [1955: 11].

⁹⁴ Cf. Bosch-Gimpera [1961: *Conclusions*].

⁹⁵ Cf. Killian [1961].

⁹⁶ Cit. de Georgiev [1966: 352-353].

⁹⁷ Cit. de Durante [1977: 44].

⁹⁸ Deve ter-se presente que, embora publicado em 1962, *Origini indeuropee* é um livro na realidade nascido em 1938, como declara o próprio G. Devoto na *Avvertenza* que antecede o volume.

⁹⁹ Cf. Devoto [1962: 76-77].

¹⁰⁰ Cf. Devoto [1978].

¹⁰¹ Pense-se, por ex. na sua aplicação do princípio de indeterminação de W. Heisenberg (ver Costa [1998: parte II, cap. 1] aos estudos de linguística: cf. Devoto [1955], [1969], [1975].

¹⁰² A. L. Prosdocimi retomou recentemente a questão levantada por G. Devoto numa longa intervenção onde afirma que «o discurso feito para o grego também se aplica às outras realidades linguísticas pré-históricas [...] que devem

ser consideradas como realidades linguísticas completas, tal como o é o grego em relação ao latim, o nórdico em relação ao anglo-saxão etc.»: cit. de Prosdromi [1995: 15]. Tanto Alinei [1996], [2000a] como Costa [1998] utilizaram a « projecção micénica » de G. Devoto para defender as argumentações a favor de uma divisão das línguas indo-europeias, actantes já a partir do mesolítico: «as linhas gerais do quadro reconstruído são depois extremamente simples: as populações da Europa mesolítica corresponderiam já, linguisticamente, aos grupos linguísticos indo-europeus e não indo-europeus quer diferenciados entre si, quer diferenciados internamente. E as línguas do Norte seriam as primeiras a instalar-se nos territórios após a glaciação. Na Europa Mediterrânea e Central, as populações mesolíticas teriam participado activamente na neolitização do seu território, mais ou menos influenciadas – linguisticamente – por modestos grupos de imigrados, provenientes em última análise do Oriente»: cit. de Alinei [2000a: 982-983].

¹⁰³ «If the forebears of the Indo-European can be associated with the widespread Eastern Grevettian Culture of the late Upper Paleolithic it becomes possible to understand the widespread distribution of the Indo-European peoples»: cit. de Thomas [1991: 29]; ver tb. Id. [1973].

¹⁰⁴ «[...] Ein indogermanische Sprachkontinuum in dem erwähnten Gebiet seit dem Mesolithikum (oder Jungpaläolithikum?) [...] Um contínuo indogermânico da língua na referida área desde o mesolítico (ou início do paleolítico?):»: cit. de Häusler [1999: 159]; tb. ulterior bibl. do A.

¹⁰⁵ Cit. de Otte [1997: 80]; cf. tb. Id. [1990a], [1990b], [1994a], [1994b], [1995].

¹⁰⁶ Cf. Adrados – Bernabé – Mendoza [1995-1999].

¹⁰⁷ Cf. Lehmann [1999], [2001]; o antropólogo francês B. Sergent, embora numa óptica kurgânica, também parece pensar agora numa origem paleomesolítica do grupo de populações que virá a ser de língua indo-europeia: cf. Id. [2001].

¹⁰⁸ Reexaminando rigorosamente os topónimos e os hidrónimos da Península Sul-Ibérica, F. Villar [2001], neles põe em evidência a presença de um estrato onomástico antiquíssimo pertencente a um nível de indo-europeu até agora desconhecido, «uma precoce indo-europeização» muito anterior aos estratos indo-europeus ibéricos até agora conhecidos. O estudioso, embora avisando que não é um especialista da pré-história, afirma porém que «as características socioeconómicas do paleolítico e do mesolítico não permitem ver nas suas civilizações os criadores desta estratificação toponomástica», e pensa, portanto, que o fenómeno é atribuível ao neolítico. Na realidade, mesmo sem ser especialista, basta dar uma olhadela à literatura recente do sector para se aperceber de que às culturas paleomesolíticas europeias não faltavam decerto os instrumentos cognitivos para denominar a realidade espaço-temporal em que viviam. Se depois, como o próprio Villar evidencia, «a consequência mais relevante que se obtém do panorama acabado de delinear é a de que a componente pré-indo-europeia

resulta amplamente minimizada e diluída até ao limite da evanescência. Tartésicos, Iberos e Bascos são de facto povos *não indo-europeus*, [...] mas a sua pré-*indo-europeidade* é discutível ou simplesmente falsa», e, portanto, quer os caçadores paleomesolíticos, quer os agricultores neolíticos ibéricos, mesmo para Villar, *eram indo-europeus*, como ele pode afirmar, embora admitindo por um momento a substituição, que esta «não teria porém permitido a sua transmissão [da onomástica referida] à estratificação etnolinguística sucessiva», se ambas as populações pertenciam ao mesmo grupo linguístico? Mais uma vez a hipótese mais lógica e mais económica é a da continuidade, e a complexa rede onomástica habilmente trazida à luz pelo estudioso espanhol será, pois, o resultado da presença indo-europeia a partir do paleolítico, também na Península Ibérica.

¹⁰⁹ Cf. Mallory [2001: 154].

¹¹⁰ Ver tb. Oakey - Tyler-Smith [1990], Richards, M. (*et al.*) [1996], Semino - Passarino - Braga - Fellous - Santachiara-Benerecetti [1996], Krings - Stone - Schmitz - Krainitzki - Stoneking - Pääbo [1997], Chikli - Destro-Brisol - Bertorelle - Pascali - Barbujani [1997].

¹¹¹ Em geral, ver Broglio [1998], Broglio - Kozłowski [1987], Leakey [1992], [1994], Mellars (org.) [1990], Mellars - Stringer (orgs.) [1989], Nitecki - Nitecki (orgs.) [1994], Peroni [1996].

¹¹² Ver entre outros Cann - Stoneking - Wilson [1987], Zerjal, T. (*et al.*) [1997], Barbujani - Pilastro [1993], Barbujani - Bertorelle - Chikhi [1998], e agora Underhill (*et al.*) [1997], [2000], Gibbons [2001], e Santachiara-Benerecetti [2001].

¹¹³ Muito céptico sobre a hipótese africana é M. Alinei [1996: 722 segs.]; duvidosos, entre outros, também Bickerton [1999], e Leakey [1992], favoráveis mas prudentes Cavalli Sforza - Menozzi - Piazza [1993]; ver depois Otte [1990a], [1990b], [1994a], [1994b], [1995], [1997].

¹¹⁴ Cf. agora Arsuaga [1999].

¹¹⁵ Cfr entre muitos Arsuaga [1999].

¹¹⁶ Cf. tb. Leakey [1994], Mellars [1994], Cunliffe (org.) [1994], Mithen (org.) [1998].

¹¹⁷ Ver Lamb - Mitchell [1991], Hawkins - Gell-Mann [1992], Gibson - Ingoldt (orgs.) [1993], Klein [1995], Marra [1998], Jablonski - Aiello [1998], Carstairs-McCarthy [1999]. Úteis também Nichols [1997] e Nettle [1999].

¹¹⁸ Cf. por ex. Santachiara-Benerecetti [2001] e Renfrew [2001].

¹¹⁹ «Estas distribuições podem ser explicadas pelo comportamento das populações proto-europeias durante e após o período da última glaciação. Com efeito, no período mais frio, as populações da Europa Central e Setentrional abandonaram os seus territórios, refugiando-se em zonas de clima mais ameno, isto é, na Península Ibérica, as populações mais ocidentais, e em algumas áreas dos Balcãs e da Ucrânia, as populações mais orientais. [...] No fim da glaciação, quando o clima melhorou, expandiram-se repovoando as zonas

- abandonadas e amplificando as características genéticas residuais»: cit. de Santachiara-Benerecetti [2001: 62-63].
- ¹²⁰ Sobre a evolução da consciência e a sua definição funcional, ver Costa [1998: parte II, cap.1].
- ¹²¹ Sobre as origens e a importância da invenção visual-simbólica e visual-gráfica, ver Donald [1991], [2001], e Renfrew - Scarre (orgs.) [1998].
- ¹²² «O ritual religioso tem uma evidente vantagem selectiva para um grupo, [...] para a sobrevivência da identidade do próprio grupo: cit. de Burkert [1972: 29]; sobre as origens do rito e do mito, ver entre muitos Burkert [1979a], [1979b]; sobre a definição de mito e rito, ver Costa [1998].
- ¹²³ Pensemos por ex. no grande requinte simbólico das pinturas da gruta de Chauvet, datadas de 33 000 a. C.: cf. Clottes (*et al.*) [2001].
- ¹²⁴ É um dado conhecido desde Leroi-Gourhan [1964].
- ¹²⁵ «The location of palaeolithic sites in the landscape demonstrates a capacity for prediction with regard to the sources of raw materials that also takes into account the means of obtaining food supplies. Hunting methods bear witness to a capacity for observation and intelligence as well as a sound knowledge of the habits of prey. Inter-individual organisation also display a capacity for social co-ordination, and hence for the transmission of - and respect for - its conceptualized codification»: cit. de Otte [1997: 74].
- ¹²⁶ Ver entre muitos Leakey [1992], [1994], e Smirnov [1989].
- ¹²⁷ As pessoas que os envergavam «tinham entrado conscientemente numa nova dimensão social: a pertença a um grupo, que vai bem para além do facto puramente biológico e que se organiza à volta de símbolos partilhados. O que caracteriza esta nova era, a nossa, é a etnicidade»: cit. de Arsuaga [1999: 239-240].
- ¹²⁸ «Até agora ninguém se apresentou com a prova definitiva de um comportamento ritual, ou simbólico em geral, anterior aos Cro-Magnon do paleolítico superior»: cit. de Arsuaga [1999: 219].
- ¹²⁹ Sobre o mito como narração e como conto tradicional, ver entre outros Costa [1998: parte II, cap.2], Bruner [1983], [1986], [1990], e Burkert [1972], [1979a], [1979b], [1990].
- ¹³⁰ Cit. de Arsuaga [1999: 238]; o itálico é meu.
- ¹³¹ Cf. Costa [1998: 218].
- ¹³² Cit. de Burkert [1972: cap. I, *passim*].
- ¹³³ Cit. de Donald [1991: 302-303].
- ¹³⁴ Ver tb. Leakey [1992], [1994], Clottes (*et al.*) [2001].
- ¹³⁵ Ao contrário dos linguistas, a importância da noção de «*External Symbolic Storage*» desenvolvida por M. Donald, não escapou a C. Renfrew e aos seus colaboradores do McDonald Institute for Archeological Research de Oxford, que sobre ela organizaram um congresso: cf. Renfrew - Scarre (orgs.) [1998].
- ¹³⁶ «O sistema de armazenamento simbólico externo (SASE) distingue-se do

campo da memória externa (CME) por disponibilidade e permanência. A definição de SASE aplica-se a todos os itens da memória armazenados num formato externo relativamente permanente, independentemente do facto de estarem ou não imediatamente disponíveis para o utente. O CME é um conjunto temporário de parte do material contido no SASE, para uso apenas do indivíduo. Assim, uma pessoa pode ter toda uma biblioteca de material disponível para um projecto, mas pode retirar só alguns itens e dispô-los numa ordem para as suas necessidades imediatas; a primeira faz parte do SASE, enquanto os segundos constituem o CME de que essa pessoa dispõe nesse momento»: cit. de Donald [1991: 357].

¹³⁷ Cit. de Donald [1991: 260]; cf. tb. Costa [1998: 204 segs. e 287 segs.].

¹³⁸ «We must not ignore that the original Indo-European sociocultural tradition had more remote preneolithic antecedents about which little is known»: cit. de Diebold [1992: 353].

¹³⁹ Ver Costa [1998: pp.239 segs.].

¹⁴⁰ Cf. por ex. Campanile [1991], Lincoln [1991], Sterckx [1985-6].

¹⁴¹ Cf. entre outros Chirassi Colombo [1968], Burkert [1972], [1990].

¹⁴² Cf. Gasparini [1973]; este volume, belo e pouco conhecido, colige provas etnoantropológicas mais do que suficientes para mostrar que os Eslavos estiveram sempre mais ou menos onde estão ainda hoje e que a cultura neolítica eslava é um desenvolvimento tardio e substancialmente local.

¹⁴³ Ver Schmitt [1967], Bader [1989], [1993], Campanile [1977], [1990], Watkins [1995], Costa [1984], [1987c], [1987d], [1989b], [1990], [1994], [1998], [2000], [no prelo].

¹⁴⁴ Sobre o método em uso nesta particular práxis reconstrutiva, ver Costa [1998: 55-110], e, com cautela, Matasovic [1996].

¹⁴⁵ Cf. Costa [1998: 106 segs.], e [2000: 21 segs.].

¹⁴⁶ A seguir tento condensar, brevemente e com algumas modificações, os resultados coligidos em Costa [1998] e [2000], para os quais, no entanto, remeto para todos os aprofundamentos sobre a língua poética indo-europeia; a tese fundamental que tentei defender nesses dois volumes é a seguinte: «A língua poética indo-europeia representa a organização das formas mentais e dos conteúdos ético-étnicos de uma fase arcaica de autoconsciência colectiva e individual. Língua poética e autoconsciência, todavia, são apenas os nomes das descrições dos dois aspectos, o físico e o mental, do mesmo fenómeno: como na Criatura tudo consiste em nomes, mapas e nomes de relações, a língua poética pode definir-se, de facto, como o mapa conceptual da realidade de que os Indo-Europeus eram autoconscientes; além disso, constituindo ela a formalização linguística, o ordenamento temático, a explicitação narrativa e o veículo transmissor-afirmativo dessa forma arcaica de autoconsciência, através da sua análise é possível reconstruir o estilo operativo e as finalidades de sobrevivência desta última. Este fenó-

meno teve origem no período da transição neolítica a partir das necessidades tribais de auto-reforço psíquico-coesivo surgidas do encontro de alguns dos povos indo-europeus com as culturas e as populações não indo-europeias do Próximo Oriente e teve depois modalidades diferentemente vinculantes conforme os vários acontecimentos (proto-)históricos de cada uma das populações indo-europeias envolvidas: cit. de Costa [1998: 137-138].

¹⁴⁷ Sobre a existência de uma prosa rítmica «litúrgica» e a sua função na língua poética e na sociedade indo-europeia, ver Watkins [1995] e Costa [2000].

¹⁴⁸ Como demonstram já decênios de estudos, por inevitáveis limitações intrínsecas ao funcionamento da memória e da cognição humana em geral, numa sociedade de oralidade primária, os textos que veiculam e transmitem a cultura tradicional são construídos em função mnemônica: «os elementos que interessa recordar são encaixados em textos verbais mais ou menos construídos de modo a serem mais facilmente memorizados, com uso do ritmo, da rima, da assonância; [...] uma tradição de saberes especializados: repertórios de textos formalizados que são aprendidos com absoluta precisão, mesmo através de técnicas de repetição do trás para diante e com processos que requerem anos. [...] A audição artificial de um saber demonstra-o de modo evidente: se se tratar de inventários finitos (por exemplo, o calendário), a lista enuncia-se; mas se por baixo houver só um inventário fracamente estruturado começa a enunciação, mas só para se interromper após as primeiras frases»: cit. de Cardona [1985a: 24-25]. Numa cultura oral, os textos não ritmicamente estruturados estão portanto destinados a ser esquecidos: «that is not, of course, to say that the Indo-European did not tell stories, fables and tales in “prose”» (cit. de Watkins [1995: 276, n.15]), mas que esses textos não podiam transmitir-se estavelmente no tempo, e isto até porque «a memória deve prever também outras configurações constituídas por poucas unidades, outras constelações de menor intensidade: nem todo o saber etnocientífico, e nem em toda a parte, está consignado sob formas mnemotécnicas»: cit. de Cardona [1985a: 25].

¹⁴⁹ Cf. entre muitos Cardona [1980], [1985b], Costa [1998].

¹⁵⁰ Cf. Cardona [1980], [1985b], e Costa [1984], [1989b], [1990], [1994], [1998].

¹⁵¹ Ver Burkert [1979a], [1979b], [1990], Costa [1998: parte II, capp.2-3].

¹⁵² Ver Nagy [1974], Costa [1998: 125], [2000: *passim*], e as indicações bibl. aí indicadas.

¹⁵³ Cf. Nagy [1979], [1990a], [1990b], [1996a], [1996b].

¹⁵⁴ Para a distinção entre língua poética e língua literária, ver Costa [2000: 23 segs.].

¹⁵⁵ Para a definição de fórmula, ver Costa [1998: 86 segs.], e a bibl. aí indicada.

¹⁵⁶ Para a definição de tema, ver Costa [1998: 88-89], e a bibl. aí indicada.

¹⁵⁷ Para a definição de taxonomia etnocientífica, ver Costa [1992], [1998: 295

- segs.], e Cardona [1980], [1985a], [1985b].
- ¹⁵⁸ Para a definição e o uso do conceito de mapa cognitivo, ver Costa [1998: parte II, cap.1].
- ¹⁵⁹ Cf. Costa [1998: 289].
- ¹⁶⁰ «Uma tal conservação nem sequer seria pensável sem a existência de uma categoria de pessoas – “os poetas” – a quem institucionalmente cabia a função de salvaguardar e transmitir o património cultural da sua gente. Mas esta actividade não se realizava só nos elevados níveis de poesia e religião; ela implicava contínuas intervenções, mesmo em campos que hoje podem parecer-nos totalmente estranhos ao conceito de poesia e, ainda por cima, às vezes até escassamente relevantes [por ex. a onomástica pessoal]. Na realidade, o elemento unificador nesta amplíssima variedade de competências é sempre dado pelo seu carácter verbal comum [...]»: cit. de Campanile [1977: 44].
- ¹⁶¹ A língua poética é, pois, também o mapa cognitivo que, no interior da organização, guia as diferenças percebidas e extraídas da realidade da qual os Indo-Europeus estavam conscientes: ver Costa [1998: parte II, cap.4].
- ¹⁶² Sobre este conceito da etnolinguística e da «Oral Theory», ver Costa [1998: 267 segs.]
- ¹⁶³ Sobre esta noção, ver Costa [1998: 197 segs.], onde se retomam sobretudo Burkert [1979a], e Bruner [1983], [1986], [1990].
- ¹⁶⁴ Para a definição de motivema, ver Costa [1998: 198-199].
- ¹⁶⁵ Ver Costa [1998: 195 segs.].
- ¹⁶⁶ Ver Bader [1989], [1993], Campanile [1977], Costa [1984], [1987c], [1987d], [1989b], [1990], [1994], [1990], Watkins [1995].
- ¹⁶⁷ Para a definição de fraseologia tradicional, ver Costa [1998: 99 segs.].
- ¹⁶⁸ Para a definição de cânone, ver Costa [2000: 27, n. 76].
- ¹⁶⁹ Para a definição de *ethnos*, sigo aqui, como sempre, Renfrew [1987: 216]: «Ethnos [...] can be defined as a firm aggregate of people, historically established on a given territory, possessing in common relatively stable particularities of language and culture, and also recognizing their unity and difference from other similar formations (self-awareness) and expressing this in a self-appointed name (ethnonym)». Sobre a prudência necessária no uso do conceito de *ethnos* na investigação histórica em geral, ver Costa [2000: 27-8]; ver depois tb. Shennan, S. J. (org.) [1989], e Bombi – Graffi (orgs.) [1998].
- ¹⁷⁰ Ver Cardona [1981], [1986], Haaarmann [1995].
- ¹⁷¹ Cf. Costa [1998: 126 segs.]
- ¹⁷² Cit. de Ambrosini [1991: 42].
- ¹⁷³ Dados e bibl. in Campanile [1977], [1990], e in Costa [1998], [2000].
- ¹⁷⁴ Dados e bibl. in Costa [1998], [2000].
- ¹⁷⁵ Dados e bibl. in Costa [2000: 33 e notas].
- ¹⁷⁶ Dados e bibl. in Costa [2000].

- ¹⁷⁷ Dados e bibl. in Costa [1998: 273 segs.].
- ¹⁷⁸ Cf. Durante [1971-6: vol.II, 179 segs.], Campanile [1990: cap. 3], Costa [2000: 32 segs.], etc.
- ¹⁷⁹ Aqui são fundamentais os estudos de F. Bader, a partir de Ead. [1989], [1993].
- ¹⁸⁰ Cf. Cardona [1981], [1986], e Costa [1987b]. Confesso que não acredito, tal como muitos outros, na existência de tradições de escrita europeias independentes das do Próximo Oriente – e penso aqui por ex. nas chamadas «tábuas de Tartária» –, e que considero nebuloso o conceito de «pré-escrita».
- ¹⁸¹ «Writing is an ermetical operation [...]: absence speak to absence»: cit. de Ong [1985: 7].
- ¹⁸² Sobre as escolas de escrita e a aprendizagem da escrita como *corpus* cognitivo, ver Costa [2000: cap.1], e a bibl. aí indicada.
- ¹⁸³ Ver Costa [2000: 39 segs.]. Úteis Peterson [1978], Green – Perlman (orgs.) [1985], Haarmann [1994], [1996].
- ¹⁸⁴ Cf. Crevatin [1986], e Costa [2000: 34 segs.] com ulterior bibl. e dados.
- ¹⁸⁵ Cf. Costa [1998: 273 segs.].
- ¹⁸⁶ Cf. Costa [2000: cap.3].
- ¹⁸⁷ Enquanto existe um ou outro estudo que indaga as influências poéticas não indo-europeias sobre a língua poética indo-europeia, por ex., Costa [1987d], faltam totalmente trabalhos dedicados à influência contrária, isto é, à da poesia indo-europeia sobre as literaturas não indo-europeias, que também é lícito supor existirem; bastante escassos os resultados de West [1997].
- ¹⁸⁸ «Note-se [...] que o modelo da continuidade [...] embora não tenha sido elaborado em pormenor por nenhum *phylum* linguístico, é implicitamente assumido para as origens da maior parte dos *phyla* africanos, asiáticos e do Novo Mundo, e, assim, para a maior parte das línguas do mundo»: cit. de Alinei [2001: 186].
- ¹⁸⁹ A questão indo-irânica é demasiado complexa para ser tratada aqui, e será aprofundada noutro local: cf. Costa [c]; ver entretanto Southworth [1990], Gadgil – Thapar [1990], Sargent [1995], [1997], Bryant [1999], Ivanov [2000], Koivulehto [2000], Witzel [2001].
- ¹⁹⁰ «O modelo da continuidade é agora comumente aceite para a parte da Europa em que se falam línguas urálicas, ou seja. o ugro-finlandês e o samoiedo, quer pelos arqueólogos, quer pelos linguistas especialistas desta área. [...] Actualmente, todos os especialistas vêem as populações urálicas como oas herdeiras directas de um ramo de *Homo sapiens sapiens* que veio do Sul e ocupou os seus actuais territórios da Europa Norte-Oriental e da Ásia Norte-Occidental em tempos pós-glaciais»: cit. de Alinei [2001: 186].
- ¹⁹¹ «A sedentarização, factor de enorme importância para a estabilidade territorial da linguagem, no “modelo da continuidade” teria começado já com o mesolítico na Europa Setentrional, e só com o neolítico, na Meridional e Cen-

tral. As culturas altamente especializadas de pescadores e caçadores da Europa Setentrional e as grandes culturas neolíticas da Europa Meridional e Central terão, pois, a primeira e a melhor representação de unidades étnicas e linguísticas na Europa. Os grupos norte-europeus, e portanto não só o urálico, mas também o báltico, o germânico setentrional e o céltico setentrional teriam sido os primeiros a colonizar as áreas abandonadas pelos gelos após a última era glacial, há cerca de 10 000 anos. Os grupos do Sul da Europa (o grego meridional, o eslavo, o ilírico, o itálico e algumas outras línguas extintas) teriam sido os primeiros a desenvolver um modo de produção neolítico. Os grupos do centro (o eslavo setentrional, o germânico meridional e o céltico meridional) tê-los-iam seguido imediatamente»: cit. de Alinei [2001: 187-188].

¹⁹² «Um exemplo importante desses processos de hibridização ter-se-ia verificando precisamente nos inícios do neolítico, e especialmente a Europa Meridional, onde há tantas provas de uma infiltração não europeia; outro caso corresponderia à expansão da cultura dos Kurgan, no calcolítico (que à luz do “modelo da continuidade” seria uma cultura turca), enquanto a maior parte dos outros casos de hibridização teria ocorrido durante a idade do bronze e teria tido um carácter intracontinental, elitista. As consequências linguísticas e culturais de todas estas incursões sobre as populações autóctones, por mais importantes que possam ter sido, nunca terão ultrapassado, no entanto, as de um superestrato»: cit. de Alinei [2001: 186]; ver tb. Bird-David [1992], Mair (org.) [1998].

¹⁹³ Cf. Zvelebil (org.) [1986], [1995], [1996], Zvelebil - Dennell - Domanska (orgs.) [1997], Zvelebil - Dolukhanov [1991], Zvelebil - Zvelebil [1988], Alinei [1996: 336 segs.]. Na Europa «do paleolítico superior ao mesolítico intensificase (de modo variável de região para região) o emprego do fogo (queimadas) para incrementar o desenvolvimento da erva e, portanto, a caça, e também os alimentos vegetais para o homem. É óbvio que este tipo de economia não é de caça e recolecção *tout court*, mas já de subsistência, com carácter produtivo, isto é, *in nuce* de cultivo (em particular de forragem) e de criação de gado [...]. No neolítico antigo, juntamente com este tipo de economia, inicia-se e desenvolve-se a horticultura nas áreas húmidas. Neste âmbito, o emprego do fogo limita-se à desflorestação inicial e à sucessiva contenção da vegetação herbácea e arbustiva. Nos períodos seguintes, assiste-se ao cruzamento, e portanto à fusão, entre a horticultura e a agricultura extensiva nos territórios interfluviais mais enxutos. O resultado é o surgimento da agricultura propriamente dita, e a invenção do arado»: cit. de Forni [1992: 51], ver tb. Id. [1990]. A isto deve acrescentar-se que «a teoria tradicional não pode nem explicar nem explorar o facto de nas línguas e nos dialectos europeus haver vestígios de nomes diferentes para utensílios de caça e de pesca, de clara origem mesolítica, tal como para os principais instrumentos agrícolas, para as principais téc-

nicas e produtos da tecelagem, para a olaria, em suma, para toda a tecnologia neolítica, o que prova claramente que no mesolítico e no neolítico as línguas e também os dialectos já estavam diferenciados. Tanto no quadro tradicional como no modelo de Renfrew seria totalmente vão interrogarmo-nos sobre a razão de haver centenas de palavras dialectais para “arado” (há marcas de diferenciações dialectais até em áreas pequenas como a Córsega!), algumas das quais fazem referência à forma mais primitiva do arado, não sendo, pois, datáveis de tempos históricos. Pelo contrário, no quadro do “modelo da continuidade”, estes termos podem ser datados com segurança no tempo da invenção dos seus *designata*»: cit. de Alinei [2001: 199].

¹⁹⁴ «Quanto à cultura calcolítica dos Kurgan, o “modelo da continuidade”, na base da análise da sequência cultural e arqueológica da área das estepes, que está estreitamente ligada à da Ásia Central, «chega à conclusão de que se tratava de uma cultura altaica, turca, e que eram assim todas as culturas pastorícias nómadas a partir das quais ela se desenvolveu [...], e dentro das quais a domesticação do cavalo e a sua utilização como meio de transporte fizeram a sua primeira aparição. Com efeito, a sequência cultural da Ásia Central mostra uma linha contínua de desenvolvimento desde o paleolítico através do mesolítico até ao neolítico, com o emergir da domesticação do cavalo e do uso dos cavalos da área das estepes, e o nascimento das primeiras culturas pastorícias nómadas. A cultura de Srednij Stog, a partir da qual se desenvolveu a cultura dos Kurgan, não pode ser separada nem dos Kurgan nem das culturas nómadas anteriores da Ásia Central.

[...] Além de explicar porque é uma parte fundamental da terminologia hípica, quer nas línguas urálicas quer nas línguas eslava e turca, e não irânica ou indo-europeia, esta nova concepção da cultura dos Kurgan teria as seguintes implicações: 1) a fronteira entre Trípoli e Srednij Stog [...] demonstrar-se-ia a fronteira entre, respectivamente, grupos eslavos e turcos, o que por sua vez explicaria a razão das fortificações de Trípoli; 2) a importância das bem documentadas incursões violentas das populações dos Kurgan da área balcânica não seria negada, mas tornar-se-ia a causa das conhecidas (embora em parte erroneamente datadas) influências turcas sobre todas as línguas balcânicas; 3) os grupos tardios dos Machados de Combate, se bem que certamente influenciados pelos grupos dos Kurgan, não lhes seriam afins, mas seriam grupos indo-europeus já diferenciados, que as contradições internas nas sociedades neolíticas europeias (especialização na pastorícia e metalurgia, estratificação social e análogos) teriam predisposto a abraçar a ideologia dos Kurgan. Enquanto as populações dos Kurgan teriam levado influências turcas a áreas indo-europeias e não indo-europeias, as culturas dos Machados de Combate, na sua expansão a partir dos territórios originais, só acrescentariam mais um superstrato indo-europeu aos anteriores, sem tocar nas raízes étnicas e linguísticas dos grupos

de cultivadores aos quais se impuseram. [...] Gimbutas tinha razão ao sublinhar a importância da oposição entre a cultura dos Kurgan e a “Europa antiga”, mas pôs as populações indo-europeias do lado errado da barricada e enganou-se ao afirmar que as populações dos Kurgan tinham ganho a batalha: a Europa antiga tinha sido sempre indo-europeia e as populações dos Kurgan, que eram turcas, tinham invadido só uma parte da Europa Meridional, deixando, só aí, modestos vestígios linguísticos. No resto da Europa a sua influência foi só cultural (culturas dos Machados de Combate)»: cit. de Alinei [2001: 193-204, *passim*]; ver tb. Özdugan [1998].

¹⁹⁵ Como em parte adivinhou V. Pisani (cf. Id. [1969: 23]), na base porém de uma visão geral da pré-história indo-europeia não partilhável nem na época nem hoje (cf. Costa [1998: 321-323]), as línguas indo-europeias foram «mantidas juntas por numerosíssimas isoglossas representadas especialmente numa língua sagrada e “literária” ainda reconhecível nos vestígios da “língua poética indo-europeia” segundo Wackernagel (cf. Wackernagel [1943]), trazida pela classe sacerdotal «protobramânica» que assegurava uma certa comunicação entre as diversas formações «estatais» constituídas pelos conquistadores no imenso espaço [...]», como mais tarde na Índia histórica.

¹⁹⁶ Muitas aplicações concretas da teoria paleolítica a domínios linguísticos indo-europeus específicos encontram-se em Alinei [1996] e [2000a].

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. [1977], *Paleontologia linguistica*. Atti del VI convegno internazionale di linguisti (Milano: 2-6/9/1974), Brescia: Paideia.
- AA.VV. [1989], *Change in Language and Culture: a Special Meeting*, in «*Transaction Philological Society*» 87, pp. 101-178.
- AA.VV. [1991-1992], *Perspectives on Indo-European Language, Culture and Religion: Studies in Honor of E.C. Polomé*, Washington (DC): Inst. for the Study of Man, vol. I-II.
- AA.VV. [2000], *The Genetic Picture of Europe: Comparison between Classic and New Marker*. A Workshop with A. Piazza, C. Renfrew, A. Torroni (et al.), in «*Journal of Cultural Heritage*» 1,1, Sup. 51.
- AA.VV. [2001], *Le radici prime dell'Europa. Gli intrecci genetici, linguistici, storici*. (Atti del convegno: Milano: 27-28/10/1999), Milano: Paravia - B. Mondadori.
- Adrados, F.R. [1992], *The New Image of Indo-European. The Story of a Revolution*, in «*Indogermanische Forschungen*» 97, pp. 1-28.
- Adrados, F.R. - Bernabé, A. - Mendoza, J. [1995-1999], *Manual de Lingüística Indoeuropea*, Madrid: Ediciones Clásicas, vol. I-III.
- Agostiniani, L. [1993], *La considerazione tipologica nello studio dell'etrusco*, in «*Incontri Linguistici*» 16, pp. 23 sgg.

- Alinei, M. [1996], *Origine delle lingue d'Europa. I. La teoria della Continuità*, Bologna: Il Mulino.
- [1999], *Dialogando con Grassi, Nocentini, Renzi e Varvaro*, in «*Rivista Italiana di Dialettologia*» 23, pp. 293-310.
 - [2000a], *Origine delle lingue d'Europa. II. Continuità dal Mesolitico all'età del Ferro nelle principali aree etnolinguistiche*, Bologna: Il Mulino.
 - [2000b], *An Alternative Model for the Origins of European Peoples and Languages: the Continuity Theory*, in «*Quaderni di Semantica*» 21,1, pp.21-50.
- Ambrosini, R. [1991], *Le lingue indo-europee. Origini, sviluppo e caratteristiche delle lingue indo-europee nel quadro delle lingue del mondo*, Pisa: ETS.
- Ammerman, A.J. [2001], *La transizione neolitica in Europa: oltre l'indigenismo*, in AA.VV. [2001], pp. 31-40.
- Ammerman, A.J. - Cavalli Sforza, L.L. [1973], *A Population Model for the Diffusion of Early Farming in Europe*, in Renfrew [1973a], pp. 343-358.
- [1984], *Neolithic Transition and the Genetics of Population in Europe*, Princeton: Princeton University Press, trad. it. Torino: Boringhieri, 1986.
- Amsterdamska, O. [1987], *Schools of Thought: the Development of Linguistics from Bopp to Saussure*, Dordrecht: Reidel.
- Anreiter, P. - Bartosiewicz, L. - Jerem, E. - Meid, W (orgs.) [1998], *Man and the Animal World. Studies in Archaeozoology, Archaeology, Anthropology and Paleolinguistics in memoriam S. Bökönyi*, Budapest: Archeolingua.
- Anthony, D.W. [1986], *The "Kurgan Culture". Indo-European Origins and the Domestication of the Horse: A Reconsideration*, in «*Current Anthropology*» 27, pp. 291-313.
- [1994], *The Earliest Horseback Riders and Indo-European Origins: New Evidence from the Steppes*, in Hänsel - Zimmer [1994], pp. 185-195.
 - [1995], *Horse, Wagon & Chariot: Indo-European Languages and Archaeology*, in «*Antiquity*» 69, pp. 554-565.
- Anthony, D.W. - Brown, D. [1991a], *The Origins of Horseback Riding*, in «*Antiquity*» 65, pp. 22-38.
- [1991b], *The Origins of Horseback Riding*, in «*Scientific American*» 265, pp. 44-48.
- Arnold, B. - Hassmann, H. [1995], *Archaeology in Nazi Germany: the Legacy of the Faustian Bargain*, in Kohl - Fawcett (orgs.) [1995], pp. 70-81.
- Arsuaga, J.L. [1999], *El collar del Neandertal. En busca de los primeros pensadores*, Madrid: Ediciones Temas de Hoy, trad. it Milano: Feltrinelli, 2001.
- Bader, F. [1989], *La langue des dieux, ou l'hermétisme des poètes indo-européens*, Pisa: Giardini.
- [1993], *Le narcisse, les cigales et les sirènes, ou les difficultés de la communication*, Pisa: Giardini.
 - [2000], *Rec. di: Costa [2000]*, in «*Bulletin de la Société Linguistique de Paris*» 95,2, pp. 189-197.

- Ballester, X. [1999], *Alinei ovvero: Indoeuropei, gente normale. Perché no?*, in «*Rivista Italiana di Dialettologia*» 23, pp. 311-318.
- [2000], *Sulle origini delle lingue indeuropee*, in «*Quaderni di Semantica*» 21,1, pp. 7-20.
- Bapty, I. - Yates, I. (orgs.) [1990], *Archaeology after Structuralism. Poststructuralism and the Problem of Archaeology*, London: Routledge.
- Bar-Yosef, O. [1994], *The Lower Paleolithic of the Near East*, in «*Journal of World Prehistory*» 8, pp. 211-265.
- Barbujani, G. [1991], *What do Languages tell us about Human Microevolution?*, in «*Trends Ecological Evolution*» 39, pp. 161-156.
- Barbujani, G. - Bertorelle, G. - Chikhi, L. [1998], *Evidence for Paleolithic and Neolithic Gene Flow in Europe*, in «*Amer. Journal of Human Genetics*» 62, pp. 488-491.
- Barbujani, G. - Pilastro, A. [1993], *Genetic Evidence on Origin and Dispersal of Human Populations Speaking Languages of the Nostratic Macrofamily*, «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 90, pp. 4670-4673.
- Barbujani, G. - Pilastro, A. - De Domenica, S. - Renfrew, C. [1994], *Genetic Variation in North Africa and Eurasia: Neolithic Demic Diffusion vs. Paleolithic Colonisation*, in «*Amer. Journal of Physical Anthropology*» 95, pp. 137-154.
- Barbujani, G. - Sokal, R.R. [1990], *Zones of Sharp Genetic Change in Europe are also Linguistic Boundaries*, in «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 87,5, pp. 1816-1819.
- Bateman, R. (et al.) [1990], *Speaking of Forked Tongues: the Feasibility of Reconciling Human Phylogeny and the History of Language*, in «*Current Anthropology*» 31,1, pp. 1-13; 31,2, pp. 177-183; 31,3, pp. 315-316.
- Bellwood, P. [1996], *The Origin and Spread of Agriculture in the Indo-Pacific Region: Gradualism and Diffusion or Revolution and Colonization?*, in Harris, D.R. (ed.) [1996], pp. 465-498.
- Berelov, I. [1996], *Metamythics: the Epistemological Problems of Archaeology*, in «*Helios*» 31,1, pp.90-104.
- Bickerton, D. [1990], *Languages and Species*, Chicago - London: University of Chicago Press.
- Bird-David, N. [1992], *Beyond the Hunting and Gathering Mode of Subsistence: Observations on the Nayaha and other Modern Hunter-Gatherers*, in «*Man*» 27, pp. 19-44.
- Blench, R. - Spriggs, M. (orgs.) [1997], *Archaeology and Language. I. Theoretical and Methodological Orientations*, London - New York: Routledge.
- [1998], *Archaeology and Language. II. Archaeology Data and Linguistic Hypotheses*, London - New York: Routledge.
- [1999a], *Archaeology and Language. III. Artifacts, Languages, and Texts*, London-New York: Routledge.
- [1999b], *Archaeology and Language. IV. Language Change and Cultural Transformation* London - New York: Routledge.

- Bombi, R. – Graffi, G. (orgs.) [1998], *Ethnos e comunità linguistica: un confronto metodologico interdisciplinare*. Atti del convegno intern. (Udine:5-7/12/1996), Udine: Forum.
- Bosch-Gimpera, P. [1961], *Les Indoeuropéens. Problèmes archéologiques*, Paris: Payot.
- Bracchi, R. [2000], *Rec. di: Costa* [1998], in «Salesianum» 62,1, pp. 203-204.
- Brenzinger, M. (org.) [1992], *Language Death: Factual and Theoretical Explorations with Special Reference to East Africa*, Berlin – New York: Mouton de Gruyter.
- Broglio, A. [1998], *Introduzione al Paleolitico*, Roma – Bari: Laterza.
- Broglio, A. – Kozłowski, J. [1987], *Il Paleolitico. Uomo, ambiente e culture*, Milano: Jaca Book.
- Bruner, J. [1983], *In Search of Mind*, New York: Harper & Row, trad. it. Roma: Armando, 1984.
- [1986], *Actual Mind, Possible Worlds*, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, trad. it. Roma – Bari: Laterza, 1988.
- [1990], *Acts of Meaning*, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, trad. it. Torino: Bollati Boringhieri, 1992.
- Bryant, E.F. [1999], *The Indo-Aryan Invasion Debate: the Logic of the Response*, in Jones-Bley – Huld – Della Volpe – Robbins Dexter (orgs.) [1999], pp. 205-229.
- Burkert, W. [1972], *Homo necans: Interpretationen altgriechischer Opferriten und Mythen*, Berlin – New York: de Gruyter, trad. it. Torino: Boringhieri, 1981.
- [1979a], *Structure and History in Greek Mythology and Ritual*, Berkeley: University of California Press, trad. it. Roma – Bari: Laterza, 1987.
- [1979b], *Mythische Denken*, in Poser, H. (org.), *Philosophie und Mythos*. Ein Kolloquium, Berlin – New York: de Gruyter, 1979.
- [1990], *Wilder Ursprung. Opferritual und Myhtos bei den Griechen*, Berlin: Wagenbach, trad. it. Roma – Bari: Laterza, 1992.
- Burrow, Th. [1955], *The Sanskrit Language*, London: Faber & Faber, 1973 3rd ed.
- Campanile, E. [1977], *Ricerche di cultura poetica indoeuropea*, Pisa: Giardini.
- (ed.) [1983], *Problemi di sostrato nelle lingue indoeuropee*, Pisa: Giardini.
- [1990], *La ricostruzione della cultura indoeuropea*, Pisa: Giardini.
- [1991], *Aspetti del sacro nella vita dell'uomo e della società celtica*, in Ries, J. (ed.) [1991], *Trattato di antropologia del sacro*. Vol.II: *L'uomo indoeuropeo e il sacro*, Milano: Jaca Book, pp. 166 sgg.
- Cann, R.L. – Stoneking, M. – Wilson, A.C. [1987], *Mitochondrial DNA and Human Evolution*, in «Nature» 325, pp. 321-336.
- Carandini, A. [1997], *La nascita di Roma. Dèi, Lari eroi e uomini all'alba di una civiltà*, Torino: Einaudi.
- Cardona, G. – Hoenigswald, H. M. – Senn, A. (orgs.) [1970], *Indo-European and Indo-Europeans*. Papers Presented at the Third Indo-European Conference at the

- University of Pennsylvania, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Cardona, G. R. [1980], *Introduzione all'etnolinguistica*, Bologna: Il Mulino, II ed.
- [1981], *Antropologia della scrittura*, Torino: Loescher.
- [1986], *Storia universale della scrittura*, Milano: Mondadori.
- [1985a], *La foresta di piume. Manuale di etnoscienza*, Roma - Bari: Laterza.
- [1985b], *I sei lati del mondo. Linguaggio ed esperienza*, Roma - Bari: Laterza.
- Carruba, O. [1995], *L'arrivo dei Greci, le migrazioni indoeuropee e il 'ritorno' degli Eraclidi*, in «*Athenaeum*» 83, pp. 5-44.
- Carstairs-McCarthy, A. [1999], *The Origins of Complex Language*, New York: Oxford University Press.
- Cavalli Sforza, L. L. [1996a], *Geni, popoli e lingue*, Milano: Adelphi.
- [1996b], *The Spread of Agriculture and Nomadic Pastoralism: Insights from Genetics, Linguistics and Archaeology*, in Harris, D.R. (org.) [1996], pp. 51-69.
- Cavalli Sforza, L. L. - Feldmann, M. [1981], *Cultural Transmission and Evolution. A Quantitative Approach*, Princeton: Princeton University Press.
- Cavalli Sforza, L. L. - Menozzi, P. - Piazza A. [1993], *Demic Expansions and Human Evolution*, in «*Science*» 259, pp. 639-646.
- [1994], *The History and Geography of Human Genes*, Princeton: Princeton University Press, trad. it. Milano: Adelphi, 1997.
- Cavalli Sforza, L. L. - Minch, E. [1997], *Paleolithic and Neolithic Lineages in the European Mitochondrial Gene Pool*, in «*Amer. Jour. Hum. Genet.*» 61, pp. 247-251.
- Cavalli Sforza, L. L. - Minch, E. - Mountain, J.L. [1992], *Coevolution of Genes and Language Revisited*, in «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 89, pp. 5620-5624.
- Cavalli Sforza, L. L. - Piazza, A. - Menozzi, P. - Mountain, J. L. [1988], *Reconstruction of Human Evolution: Bringing together Genetic, Archaeological, and Linguistic Data*, in «*Proc Nat. Acad. Sc. USA*» 85, pp. 6002-6006.
- Cavalli Sforza, L. L. - Wang, W.S.-Y. [1986], *Spatial Distance and Lexical Replacement*, in «*Language*» 62,1, pp. 38-55.
- Cavazza, F. [2000], *Dalla società primitiva alla "rivoluzione del Neolitico"*, in «*Il pensiero mazziniano*» 55,2, pp. 70-83.
- Chapman, J. - Hamerow, H. (orgs.) [1997], *Migrations and Invasions in Archaeological Explanation*, Oxford: BAR International Series, 664.
- Chikhi, L. - Destro-Brisol, G. - Bertorelle, G. - Pascali, V. - Barbujani, G. [1998], *Clines of Nuclear DNA Markers Suggest a Largely Neolithic Ancestry of the European Gene Pool*, in «*Proc. Nat. Acad. Scien. USA*» 95, pp. 9053-9058.
- Chirassi Colombo, I. [1968], *Elementi di culture precererali nei miti e nei riti greci*, Roma: Ateneo.
- Chomsky, N. [1988], *Language and Problems of Knowledge. The Managua Lectures*, Cambridge (Mass.): MIT Press, trad. it. Bologna: Il Mulino, 1998.
- Clark, G. [1975], *The Earlier Stone Age Settlement of Scandinavia*, Cambridge: Cambridge University Press.

- Clottes, J. (et al.) [2001], *La grotte Chauvet: l'art des origines*, Paris, Seuil.
- Collinge, N.E. [1995a], *History of Comparative Linguistics*, in Koerner – Asher (orgs.) [1995], pp.195-202.
- [1995b], *History of Historical Linguistics*, in Koerner – Asher (eds.) [1995], pp. 203-212.
- Contini, M. – Cappello, N. – Griffo, R. – Rendine, S. – Piazza, A. [1989], *Géolinguistique et géogénétique: une démarche interdisciplinaire*, in «*Géolinguistique*» 4, pp. 129-197.
- Costa, G. [1984], *Il dio d'oro in Grecia e in India: lingua poetica e tradizione religiosa*, in «*Archivio Glottologico Italiano*» 69, pp. 26-52.
- [1987a], *Rec. di: Ammerman, A. – Cavalli-Sforza, L. L.* [1984], in «*Archivio Glottologico Italiano*» 72, pp. 150-154.
- [1987b], *Rec. di: G.R. Cardona, Storia universale della Scrittura*, in «*Archivio Glottologico Italiano*» 72, pp. 154-158.
- [1987c], *Isoglosse vs. isoidie nelle lingue indeuropee orientali: omer. Λαοσοσός, ved. nòn cyautnà- e gath. syaoθna-*, in «*Archivio Glottologico Italiano*» 72, pp. 49-54.
- [1987d], *Guerrieri indeuropei e fortezze orientali: il "distuttore di mura" nella poesia greca e nella poesia vedica*, in «*Studi e Saggi Linguistici*» 27, pp. 151-175.
- [1988], *Rec. di: R. Lazzeroni (org.), Linguistica Storica*, in «*Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*» 17, pp. 134-140.
- [1989a], *Rec. di: A. Martinet* [1986], in «*Archivio Glottologico Italiano*» 74, pp. 108-110.
- [1989b], *Funzionalità e contesto nella lingua letteraria: gli incipit omerici del monumento di Agrios*, in «*Studi e Saggi Linguistici*» 29, pp. 95-105.
- [1990], *I composti indoeuropei con *dus- e *su-*, Pisa: Giardini.
- [1992], *Anemonimi Benacensi. Lessico, cognizione e tassonomia*, Perugia: Centro Stampa dell'Ateneo.
- [1994], *Su alcune espressioni indeuropee della sovranità*, in *Studi in onore di C. A. Mastrelli. Scritti di allievi e amici fiorentini*, Padova: Unipress, pp. 67-79.
- [1998], *Le origini della lingua poetica indeuropea. Voce, coscienza e transizione neolitica*, Firenze: Olschki.
- [2000], *Sulla preistoria della tradizione poetica italica*, Firenze: Olschki.
- [2003] *Heraclitus and Indo-European Fame*, in *Festschrift C. De Simone*, Pisa – Roma: Ist. Edit. e Poligr. Inter., pp. 69-74.
- [a], *On Prehistorical and Protohistorical Relationships between Indo-European and Semitic*, artigo em preparação.
- [b], *La sirena di Archimede. Etnolinguistica comparata e tradizione preplatonica*, Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2008.
- [c], *La questione indo-iranica all'interno della teoria paleolitica sulle origini indeuropee: problemi e soluzioni*, artigo em preparação.
- Crevatin, F. [1986], *Riflessioni su problemi vedici. Aja ekapad: oralità e scrittura*, in «*Incontri Linguistici*» 11, pp. 59-69.

- [1998], *Rec. di: Costa* [1998], in «*Incontri Linguistici*» 21, pp. 202-210.
- Crystal, D. [2000], *Language Death*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunliffe, B. (ed.) [1994], *The Oxford Illustrated Prehistory of Europe*, Oxford - New York: Oxford University Press.
- De Vivo, A. [2000], *Rec. di: Costa* [2000], in «*Bollettino di Studi Latini*» 30, pp. 763-765.
- Devoto, G. [1955], *Civiltà del dopoguerra*, Firenze: Sansoni.
- [1962], *Origini indeuropee*, Firenze: Sansoni.
- [1969], *Il metodo comparativo classico e le correnti linguistiche attuali*, in *Actes du Xe Congrès International des Linguistes* (Bucarest: 28-8/2-9/1967), Bucarest, Editions de l'Académie de la République Socialiste de Roumanie, vol. I, pp. 123-135.
- [1971], *La religione degli Indoeuropei*, in P. Tacchi Ventura (org.), *Storia delle Religioni*, Torino: UTET, IV ed. a cura di G. Castellani, vol. II, pp. 345-360.
- [1975], *La lingua come sedimento e come responsabilità*, in «*Atti e Memorie dell'Accademia Toscana di Scienze e Lettere "La Colombaria"*» 40, pp. 1-31.
- [1978], *Il latino di Roma*, in A.L. Prodocimi (org.), *Popoli e civiltà dell'Italia antica. Vol. VI: Lingue e dialetti dell'Italia antica*, Roma: Edizioni di Storia Patria, pp. 471-485.
- Diakonov, I. M. [1984], *On the Original Home of the Speakers of Indo-European*, in «*Soviet Anthropology and Archaeology*» 23,2, pp. 5-87.
- [1990], *Language Contacts in the Caucasus and the Near East*, in Markey - Greppin [1990], pp. 53-65.
- Diebold, A. R. jr. [1992], *The Traditional View of the Indo-European Paleoeconomy: Contradictory Evidence from Anthropology and Linguistics*, in Polomé (org.) [1992], pp. 317-367.
- Dixon, R.M.W. [1998], *The Rise and Fall of Languages*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Dolgopolsky, A. B. [1987], *The Indo-European Homeland and Lexical Contacts of Proto-Indo-European with other Languages*, in «*Mediterranean Archaeological Review*» 3, pp. 7-31.
- [1993], *More about the Indo-European Homeland Problem*, in «*Mediterranean Archaeological Review*» 6-7, pp. 251-272.
- Donald, M. [1991], *Origins of the Modern Mind*, Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- [2001], *A Mind So Rare: the Evolution of Human Consciousness*, New York: Norton.
- Dow, J. - Lixfeld, H. [1994], *The Nazification of an Academic Discipline: Folklore in the Third Reich*, Bloomington: Indiana University Press.
- Drews, R. [1998], *PIE Speakers and PIA Speakers*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 25, pp. 153-178.
- Dunkel, G. E. (org.) [1994], *Frü-, Mittel-, Spätindogermanisch: Akten der IX. Fachtagung der Indogermanischen Gesellschaft* (Zürich: 5-9/10/1992), Wiesbaden: Reichert.
- Durante, M. [1971-6], *Sulla preistoria della tradizione poetica greca*, Roma: Ateneo,

vol. I-II.

- [1977], *Aspetti e problemi della paleontologia indeuropea*, in AA.VV. [1977], pp. 39-63.
- Durham, W. H. [1984], *Coevolution: Genes and Culture in Human Populations*, Stanford: Stanford University Press.
- Dyen, I - Kruskal, J. B. - Black, P. [1992], *An Indo-European Classification: A Lexicostatistical Experiment*, Philadelphia: The Amer. Philos. Soc.
- Eco, U. [1975], *Trattato di semiotica generale*, Bologna: Bompiani.
- Edwards, A. [2001], *La ricostruzione degli alberi evolutivi*, in AA.VV. [2001], pp. 23-30.
- Embleton, S. [1986], *Statistics in Historical Linguistics*, in «*Quantitative Linguistics*» 30, pp. 1-194.
- Embleton, S. - Joseph, J. E. - Niederehe, H.-J. (ogs.) [1999], *The Emergence of the Modern Language Sciences: Studies on the Transition from Historical-Comparative to Structural Linguistics in Honor of E. F. K. Koerner*, Amsterdam - Philadelphia: Benjamins.
- Erdosy, G. (org.) [1995], *The Indo-Aryans of Ancient South Asia. Language, Material Culture and Ethnicity*, Berlin - New York: de Gruyter.
- Farris, J. S. [1972], *Estimating Phylogenetic Trees from Distance Matrices*, in «*Americ. Natur.*» 106, pp. 645-668.
- [1973], *On the Use of the Parsimony Criterion for Inferring Evolutionary Trees*, in «*Systematic Zoology*» 26, pp. 77-88.
- Feldman, M. (org.) [1989], *Mathematical Evolutionary Theory*, Princeton: Princeton University Press.
- Finkelberg, M. [1996], *Anatolian Languages and Indo-European Migrations to Greece*, in «*Classical World*» 9, pp. 3-20.
- Forni, G. [1990], *Gli albori dell'agricoltura fino agli Etruschi ed Italici*, Roma: Reda.
- [1992], *Problemi di convergenze linguistico-archeologiche nelle indagini sulle origini dell'agricoltura euro-mediterranea: metodologie e applicazioni*, in «*Quad. di Sem.*» 13, pp. 3-58.
- Fisher, R. A. [1937], *The Wave of Advance of Advantageous Genes*, in «*Annals of Eugenics*» 7, pp. 355-369.
- Fisiak, J. (org.) [1996], *Linguistic Reconstruction and Typology*, Berlin -New York: de Gruyter.
- Francfort, H.-P. (org.) [1990], *Nomades et sédentaires en Asie Centrale. Apports de l'archéologie et de l'ethnologie. Actes du colloque franco-soviétique* (Alma Ata, Kazakhstan, 17-26/10/1987), Paris: Ed. CNRS.
- Gadgil, M. - Thapar, R. [1990], *Human Ecology in India: Some Historical Perspectives*, in «*Interdiscipl. Sc. Review*» 15,3, pp. 209-223.
- Gamble, C. [1986], *The Paleolithic Settlement of Europe*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Gamkrelidze, T. V. [1987], *Neueres zum Problem der indogermanischen Ursprache und der indogermanischen Urheimat*, in «*Zeitschrift für Vergleichende*

- Sprachwissenschaft*» 100, pp. 336-377.
- [1990], *On the Problem of an Asian Homeland of the Proto-Indo-European*, in Markey - Greppin (orgs.) [1990], pp. 5-14.
 - [2001], *La teoria glottale e gli studi di linguistica comparativa indoeuropea nella seconda metà del XX secolo*, conferenza tenuta al «Circolo Linguistico Fiorentino» il 16 marzo 2001.
 - Gamkrelidze, T. V. - Ivanov, V. V. [1984], *Indoeuropejskij Jazyk i Indoeuropejcy*, Tbilisi: State University Press, trad. ingl.: *Indo-European and the Indo-Europeans. A Reconstruction and Historical Analysis of a Proto-Language and a Prot-Culture*, Berlin - New York: Mouton - De Gruyter, 1995.
 - [1985a], *The Migration of the Tribes Speaking the Indo-European Dialects from their Original Homeland in the Near East to their Historical Habitations in Eurasia*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 13, pp. 49-91.
 - [1985b], *The Problem of the Original Homeland of the Indo-European Languages*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 13, pp. 176-184.
 - Gardt, A. [1999], *Geschichte der Sprachwissenschaft in Deutschland: vom Mittelalter bis ins 20. Jahrhundert*, Berlin: de Gruyter.
 - Gasparini, E. [1973], *Il matriarcato slavo. Antropologia culturale dei Protoslavi*, Firenze: Sansoni.
 - Georgiev, V.I. [1966], *Introduzione alla storia delle lingue indeuropee*, Roma: Ateneo.
 - Gibbons, A. [2001], *Modern Men Trace Ancestry to African Migrants*, in «*Science*» 292 (5519: May 11, 2001), p.1 051.
 - Gibson, K. R. - Ingold, T. (orgs.) [1993], *Tools, Languages, and Cognition in Human Evolution*, Cambridge: Cambridge University Press.
 - Gimbutas, M. [1963], *The Balts*, London: Thames & Hudson.
 - [1965], *Bronze Age Cultures in Central and Eastern Europe*, The Hague: Mouton.
 - [1970], *Proto-Indo-European Culture during the 5th to the 3rd Millennia B.C.*, in Cardona - Hoenigswald - Senn (orgs.) [1970], pp. 155-198.
 - [1973a], *Old Europe c. 7000-3500 B.C., the Earliest European Cultures before the Infiltration of the Indo-European Peoples*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 1, pp. 1-20.
 - [1973b], *The Beginning of the Bronze Age in Europe and the Indo-Europeans: 3500-2500 B.C.*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 1, pp. 163-214.
 - [1974], *The Goddess and Gods of Old Europe*, London: Thames & Hudson; 2nd ed. 1982.
 - [1977], *The First Wave of Eurasian Steppe Pastoralist into Copper Age Europe*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 5, pp. 277-338.
 - [1979], *The Three Waves of the Steppe People into East Central Europe*, in «*Archives Suisse d'anthropologie générale*» 43, pp. 113-137.
 - [1980], *The Kurgan Wave Migration (c. 3400-3200 B.C.) into Europe and Following Transformation of Culture*, in «*Journal of Near Eastern Studies*» 8, pp. 273-315.

- [1989], *Languages of the Goddess. Images and Symbols of Old Europe*, London: Thames & Hudson.
- [1991], *The Civilization of the Goddess: The World of Old Europe*, San Francisco: Harper.
- [1997], *The Fall and Transformation of Old Europe: Recapitulation 1993*, in Dexter - Jones-Bley (orgs.) [1997], pp. 351-372.
- Goodenough, W. H. [1970], *The Evolution of Pastoralism and Indo-European Origins*, in Cardona - Hoenigswald - Senn, [1970], pp. 153-256.
- Greenberg, J. H. [1955], *Studies in African Linguistic Classification*, Bradford (Conn.): Compass Publishing.
- [1963], *The Languages of Africa*, Bloomington, Indiana Univ. Publication.
- [1971], *The Indo-Pacific Hypothesis*, in «*Curr. Trends Linguistics*» 8, pp.807-871.
- [1987], *Languages in the Americas*, Stanford: Stanford Univ. Press.
- [1990], *The Prehistory of the Indo-European Vowel System in Comparative and Typological Perspective*, in Shevoroshkin [1990], pp. 77-136.
- [2000], *Indo-European and Its Closest Relatives: The Euroasiatic Language Family, vol. I: Grammar*, Stanford: Stanford University Press.
- Greenberg, J. H. - Turner, C. G. - Zegura, S. L. [1986], *The Settlement of the Americas: a Comparison of the Linguistic, Dental, and Genetic Evidence*, in «*Curr. Anthropology*» 27,5, pp. 477-497.
- Green, S. W. - Perlman, S .M. (orgs.) [1985], *The Archaeology of Frontiers and Boundaries*, Orlando - Tokyo: Academic Press.
- Guglielmino Matessi, C. R. - Piazza, A. - Menozzi, P. - Cavalli Sforza, L. L. [1990], *Uralic Genes in Europe*, in «*Amer. Jour. Physic. Anthropology*» 83,1, pp. 57-68.
- Haarmann, H. [1990], 'Basic' Vocabulary and Language Contacts: the Disillusion of Glottochronology, in «*Indogermanische Forschungen*» 95, pp. 1-37.
- [1994], *Contact Linguistics, Archaeology, and Ethnogenetics: an Interdisciplinary Approach to the Indo-European Homeland Problem*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 22, pp. 265-288.
- [1995], *Early Civilization and Literacy in Europe. An Inquiry into Cultural Continuity in the Mediterranean World*, Berlin - New York: de Gruyter.
- [1996], *Aspects of Early Indo-European Contacts with Neighboring Cultures*, in «*Indogermanische Forschungen*» 101, pp. 1-14.
- [1998], *On the Problem of Primary and Secondary Diffusion of Indo-European and Their Languages*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 26,3-4, pp. 391-419.
- Hänsel, B. - Zimmer, S. (orgs.) [1994], *Die Indogermanen und das Pferd. Fest. B. Schlerath*, Budapest: Archeolingua.
- Häusler, A. [1999], *Nomadenhypothese und Ursprung der Indogermanen*, in Polomé (org.) [1990], pp. 117-170.
- Hall, J. M. - Jarvie, I. C. (orgs.) [1992], *Transition to Modernity: Essays on Power, Wealth, and Belief*, Cambridge: Cambridge University Press.

- Harding, R. M. – Rosing, F. W. – Sokal, R. R. [1989], *Cranial Measurements do not Support Neolithization of Europe by Demic Expansion*, in «Homo» 40, pp. 45-58.
- Harris, D. R. (org.) [1996], *The Origins and Spread of Agriculture and Pastoralism in Eurasia*, London: UCL Press.
- Harris, H. [1980], *The Principle of Human Biochemical Genetics*, Amsterdam: Elsevier – North-Holland Biomedical Press, 3rd ed.
- Hawkins, J. A. – Gell-Mann, M. [1992], *The Evolution of Human Language*, Redwood City (Cal.): Addison – Wesley.
- Hennig, W. [1966], *Phylogenetic Systematics*, Urbana: University of Illinois Press.
- Herdan, G. [1964], *Quantitative Linguistics*, London: Butterworths, ed. it. Bologna: Il Mulino, 1971.
- Hodder, I. (org.) [1978], *The Spatial Organisation of Culture*, London: Duckworth.
- [1990], *The Domestication of Europe*, Oxford: Blackwell.
- (org.) [1991], *Archaeological Theory in Europe. The Last Three Decades*, London – New York: Routledge.
- Hoenigswald, H. M. – Wiener, L. F. (orgs.) [1987], *Biological Metaphor and Cladistic Classification: an Interdisciplinary Perspective*, London: Pinter.
- Housley, R. A. – Gamble, C. S. – Street, M. – Pettitt, P. [1997], *Radiocarbon Evidence for the Lateglacial Human Recolonisation of Northern Europe*, in «Proc. of the Prehistoric Society» 67, pp. 355-369.
- Hüllen, W. [1999], “Das Glockenspeil des Ablauts”: *National Tones in German Linguistic Publications between 1914 and 1945*, in Embleton – Joseph – Niederehe (orgs.), [1999], pp. 217-233.
- Hutton, C. M. [1999], *Linguistics and the Third Reich: Mother-tongue Fascism, Racism, and the Science of Language*, London: Routledge.
- Ivanov, V. V. [2000], *Early Slavic-Indo-Iranian Lexical Contacts*, in Jones-Bley – Huld – Della Volpe (orgs.) [2000], pp. 355-369.
- Jablonski, N. G. – Aiello, L. C. [1998], *The Origins and Diversification of Language*, San Francisco: California Academy of Sciences.
- Jackson, M. S. – Strachan, T. – Dover, D. (orgs.) [1996], *Human Genome Evolution*, Oxford: Bios Scientific Publishers.
- Jankowsky, K. R. (org.), [1995], *History of Linguistics 1993: Papers from the Sixth Int. Conf. on the History of the Language Sciences (ICHoLS VI)*, Amsterdam – Philadelphia: Benjamins.
- Jones-Bley, K. – Huld, M. E. – Della Volpe A. (orgs.) [2000], *Proceedings of the Eleventh Annual UCLA Indo-European Conference (Los Angeles: 4-5/6/1999)*, Washington (DC): Inst. for the Study of Man.
- Jones-Bley, K. – Huld, M. E. – Della Volpe A. – Robbins Dexter, M. (orgs.) [1999], *Proceedings of the Tenth Annual UCLA Indo-European Conference (Los Angeles: 21-3/5/1998)*, Washington (DC): Inst. for the Study of Man.
- Joseph, J. E. – Taylor, T. J. (orgs.) [1990], *Ideologies of Language*, London: Routledge.

- Julku, K. – Wiik, K. (orgs.) [1998], *The Roots of Peoples and Languages of Northern Eurasia I* (Turku: 30/5 – 1/6/1997), Turku: Societas Historiae Fenno-Ugricae.
- Kerns, J. C [1988], *Proto-Indo-European Archeology and Linguistics*, in «*Diachronica*» 5, 1-2, pp. 181-205.
- Khazanov, A. M. [1984], *Nomads and the Outside World*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Killian, L. [1961], *Zum Ursprung der Indogermanen*, Bonn: Habelt.
- Klein, R. G. [1995], *Anatomy, Behavior, and Modern Human Origins*, in «*Journal of World Prehistory*» 9, pp. 167-198.
- Koerner, E. F. K. [1981], *Observations on the Sources, Transmission, and Meaning of "Indo-European" and Related Terms in the Development of Linguistics*, in «*Indogermanische Forschungen*» 86, pp. 1-31.
- [1989], *Practicing Linguistic Historiography: Selected Essays*, Amsterdam – Philadelphia: Benjamins.
- [1996], *Toward a History of Linguistic Typology*, in Fisiak (org.) [1996], pp. 1-23.
- [2000], *Ideology in 19th and 20th Century Study of Language: A Neglected Aspect of Linguistic Historiography*, in «*Indogermanische Forschungen*» 105, pp. 1-26.
- Koerner, E. F. K. – Asher, R. E. (orgs.) [1995], *Concise History of the Language Sciences: from the Sumerians to the Cognitivists*, Oxford – New York: Pergamon Press.
- Kohl, P. – Fawcett, C. (orgs.) [1995], *Nationalism, Politics and the Practice of Archaeology*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Koivulehto, J. [2000], *Finno-Ugric Reflexes of North-West Indo-European and Early Stages of Indo-Iranian*, in Jones-Bley – Huld – Della Volpe (orgs.) [2000], pp. 21-43.
- Kozłowski, J. K. – Kozłowski, S.K. [1979], *Upper Paleolithic and Mesolithic in Europe. Taxonomy and Paleohistory*, Warszawa – Krakow – Gdansk: Polskiej Akademii Nauk.
- Krell, K. S. [1994], *Modern Indo-European Homeland Hypotheses: A Critical Examination of Linguistics Arguments*, Ottawa: University of Ottawa (Canada), M.A. Thesis.
- [1998], *Gimbutas' Kurgan-PIE Homeland Hypothesis: A Linguistic Critique*, in Blench – Spriggs (orgs.) [1998], pp. 267-282.
- Kress, G. R. – Hodge, R. [1993], *Language as Ideology*, London: Routledge, 2nd ed.
- Krings, M. – Stone, A. – Schmitz, R. W. – Krainitzki, H. – Stoneking, M. – Pääbo, S. [1997], *Neanderthal DNA Sequences and the Origin of Modern Humans*, in «*Cell*» 90, pp. 19-30.
- Kühn, H. [1934], *Herkunft und Heimat der Indogermanen*, in *Proceedings of the First Int. Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences* (London 1932), Oxford: Oxford Univ. Press, pp. 237-242 (reimp. in Scherer [1968: 110-116]).
- [1976], *Geschichte der Vorgeschichtsforschung*, Berlin – New York: de Gruyter.
- Lahermo, P. (et al.) [1999], *Y Chromosomal Polymorphisms Reveal Founding Lineages in the Finns and the Saami*, in «*European Journal of Human Genetics*» 7,

- pp.447-455.
- Lamb, S. M. – Mitchell, E. D. [1991], *Sprung from some Common Source. Investigation into the Prehistory of Languages*, Stanford: Stanford University Press.
- Landi, A. (org.) [1995], (org.), *L'Italia e il Mediterraneo antico*. Atti del Convegno della S.I.G. (Fisciano – Amalfi – Raito: 4-6/11/1993), Pisa: Giardini, vol. I-II.
- Leakey, R. [1992], *Origins Reconsidered*, New York: Doubleday, trad. it. Milano: Bompiani, 1993.
- [1994], *The Origin of Humankind*, New York: Harper & Collins, trad. it. Milano: Sansoni, 1995.
- Lees, A. – Bates, G. [1974], *The Origins of Specialized Nomadic Pastoralism: A Systematic Model*, in «*American Antiquity*» 39, pp. 187-193.
- Lehmann, W. P. [1999], *Towards a History of Early Indo-European*, in «*Diachronica*» 16, pp. 67-95.
- [2001], *Il pre-indoeuropeo (8000 a. C.)*, in AA.VV. [2001], pp. 237-251.
- Leroi-Gourhan, A. [1964], *Le geste et la parole*, Paris: Michel, trad. it. Torino: Einaudi, 1977, vol. I-II.
- Levine, M. [1990], *Dereivka and the Problem of Horse Domestication*, in «*Antiquity*» 64, pp. 627-640.
- Levine, M. – Rassamakin, Y. – Kislenco, A. – Tatarintseva, N. (orgs.) [1999], *Late Prehistoric Exploitation of the Eurasian Steppe*, Cambridge: McDonald Institute.
- Li, W. H. – Graur, D. [1991], *Fundamentals of Molecular Evolution*, Cambridge (Mass.): Sinauer Sunderland.
- Lichardus, J. – Lichardus – Itten, M. [1985], *La protohistoire de l'Europe. Le Néolithique et le Chalcolithique entre la mer Méditerranée et la mer Baltique*, Paris: P.U.F.
- Lincoln, B. [1991], *The Druids and Human Sacrifice*, in AA.VV. [1991-1992], vol.I, pp. 381-395.
- Mair, V. H. (org.) [1998], *The Bronze Age and Early Iron Age Peoples of Eastern Central Asia*, New York – Philadelphia: Inst. for the Study of Man – Univ. of Pennsylvania Museum.
- Mallory, J. P. [1973], *A History of the Indo-European Problem*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 1, pp. 21-65.
- [1989], *In Search of the Indo-European. Language, Archaeology and Myth*, London: Thames & Hudson.
- [1997], *The Homelands of the Indo-Europeans*, in Blench – Spriggs [1997], pp. 93-122.
- [2001], *Gli Indoeuropei e i popoli delle steppe: il modello della sostituzione delle lingue*, in AA.VV. [2001], pp. 138-164.
- Mallory, J. P. – Adams, D. Q. (orgs.) [1997], *Encyclopedia of Indo-European Culture*, London – Chicago: F. Deaborn.
- Mandolini Pesaresi, M. [2000], *Rec. di: Costa* [1998], in «*Annali d'Italianistica*» 18, pp. 480-482.

- Markey, T. L. – Greppin, J. A. C. (orgs.) [1990], *When Word Collide: the Indo-European and the Pre-Indo-Europeans*, Tokyo: Karoma.
- Marler, J. (org.) [1997], *From the Realm of the Ancestors: an Anthology in Honour of M. Gimbutas*, Manchester (Conn.): Knowledge, Ideas & Trends.
- [2001], *L'eredità di Marija Gimbutas: una ricerca archeomitologica sulle radici della civiltà europea*, in AA.VV. [2001], pp. 89-115.
- Marra, A. [1998], *Evoluzione linguistica e sviluppo cognitivo: evidenze preistoriche*, in «Annali Istituto Orientali Napoli– Sez. Ling.» 20, pp. 71-100.
- Martinet. A. [1986], *Des steppes aux océans. L'indo-européen et les "Indo-européens"*, Paris: Payot, trad. it. Roma – Bari: Laterza, 1987.
- Mascie-Taylor, C. G. N. – Lasker, G. W. (orgs.) [1988], *Biological Aspects of Human Migrations*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Matasovic, R. [1996], *A Theory of Textual Reconstruction in Indo-European Linguistics*, Frankfurt a. M.: Lang.
- Matisoff, J.A. [1990], *On Megalocomparison*, in «Language» 66,1, pp. 106-120.
- Meid, W. (org.) [1998], *Sprache und Kultur der Indogermanen*. Akten der X. Fachtagung der Indogermanische Gesellschaft (Innsbruck: 22-28/9/1996), Innsbruck: Institut f. Sprachwissenschaft.
- Mellars, P. (org.) [1990], *The Emergence of Modern Human. An Archaeological Perspective*, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- [1994], *The Upper Paleolithic Revolution*, in Cunliffe (org.) [1994], pp. 42-78.
- Mellars, P. – Stringer, C. (orgs.) [1989], *The Human Revolution: Behavioral and Biological Perspectives in the Origins of Modern Humans*, Princeton: Princeton University Press.
- Meskel, L. [1995], *Goddesses, Gimbutas, and «New Age» Archeology*, in «Antiquity» 69, n. 262, pp. 74-86.
- Meyer, E. [1948], *Die Indogermanenfrage*, Marburg: Elwert-Gräfe und Unzer, reimpr. par. in Scherer [1968: 256-287].
- Mithen, S. (org.) [1998], *Creativity in Human Evolution and Prehistory*, London: Routledge.
- Morpurgo Davies, A. [1988], *Il metodo comparativo, passato e presente*, in «Annali Istituto Orientali Napoli– Sez. Ling.» 10, pp. 27-48.
- Nagy, G. [1974], *Comparative Studies in Greek and Indic Meter*, Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- [1979], *The Best of Achaeans: Concepts of Hero in Archaic Greek Poetry*, Baltimore: J. Hopkins University Press.
- [1990a], *Pindar's Homer. The Lyric Possession of an Epic Past*, Baltimore – London: J. Hopkins University Press, n. ed. 1994.
- [1990b], *Greek Mythology and Poetics*, Ithaca – London: Cornell University Press, n. ed. 1992.
- [1996a], *Poetry as Performance. Homer and Beyond*, Cambridge: Cambridge

- University Press.
- [1996b], *Homeric Questions*, Austin: University of Texas Press.
- Nei, M. [1987], *Molecular Evolutionary Genetics*, New York: Columbia University Press.
- Nei, M. - Roychoudhury, A. K. [1988], *Human Polymorphic Genes: World Distribution*, New York - London: Oxford University, Press.
- Nerlich, B. [1990], *Change in Language. Whitney, Bréal and Wegener*, London - New York: Routledge.
- Nettle, D. [1999], *Linguistic Diversity*, Oxford: Oxford University Press.
- Nettle, D. - Romaine, S. [2000], *Voices: the Extinction of the World's Languages*, Oxford: Oxford University Press, trad. it. Roma: Carrocci, 2001.
- Neustupny, J. [1976], *Archaeological Comments to the Indo-European Problem*, in «*Origin*» 10, pp.7-18.
- Nichols, J. [1997], *Linguistic Diversity in Space and Time*, Chicago: Chicago University Press.
- Nitecki, M. H.- Nitecki, V. (orgs.) [1994], *Origins of Anatomically Modern Humans*, New York: Plenum Press.
- Nuñez, M. G. [1987], *A Model for the Early Settlement of Finland*, in «*Fennoscandia Archaeologica*» 4, pp. 3-18.
- [1997], *Finland's Settling Model Revisited*, in «*Helsinki Papers in Archaeology*» 10, pp.93-102.
- Nygaard, S. E. [1989], *The Stone Age of Northern Scandinavia: a Review*, in «*Journal of World Prehistory*» 3, pp. 71-116.
- Oakey, R. - Tyler-Smith, C. [1990], *Y Chromosome DNA Haplotyping Suggests that most European and Asian Men are Descendent from One of Two Male*, in «*Genomics*» 7, pp. 325-330.
- Özdugan, M. [1998], *Recent Excavations in Eastern Thrace and Contact between Prehistoric Cultures of Anatolian and the Balkans*, in «*Tükiye Bilimler Akademisi Arkeoloji Dergisi*» 1, pp. 63-93.
- Olender, M. [1989], *Les langues du Paradis. Aryens et Sémites: un couple providentiel*, Paris: Payot, trad. it. Bologna: Il Mulino, 1991.
- [1996], *Der arisch-semitische Streit zu Beginn der modernen Sprachwissenschaft*, in M. Dascal (org.), *Sprachphilosophie/Philosophie du langage/Philosophy of Language*, Berlin - New York: de Gruyter, pp. 943-952.
- Ong, W. J. [1985], *Writing and the Evolution of Consciousness*, in «*Mosaic*» 18, pp.1-10.
- Otte, M. [1990a], *From the Middle to the Upper Paleolithic: the Nature of the Transition*, in Mellars (org.) [1990], pp. 438-456.
- [1990b], *The North-Western European Plain around 18000 BP*, in Soffer - Gamble (orgs.) [1990], vol.I, pp. 54-68.
- [1994a], *Origine de l'homme moderne: approche comportementale*, in «*Comptes*

- Rendues Acad. Sc. Paris*» 318, série II, pp. 267– 273.
- [1994b], *Europe during the Upper Palaeolithic and Mesolithic*, in *History of Humanity. Vol. Prehistory and the Beginnings of Civilizations*, Paris: Unesco, pp. 207-224.
 - [1995], *Diffusion des langues modernes en Eurasie préhistorique*, in «*Comptes Rendues Acad. Sc. Paris*» 321, série II, pp. 1219-1226.
 - [1997], *The Diffusion of Modern Languages in Prehistoric Eurasia*, in Blench – Spriggs (orgs.) [1997], pp. 74-81.
- Pääbo, S. [1996], *Mutations in the Mitochondrial Microcosm*, in «*Amer. Jour. Human Genetics*» 59, pp. 493-496.
- Pääbo, S. – Higuchi, R. G. – Wilson, A.C. [1989], *Ancient DNA and the Polymerase Chain Reaction: The Emerging Fields of Molecular Archaeology*, in «*Jour. Biol. Chemistry*» 264, pp. 9709-9712.
- Pamilo, P. – Nei, M. [1988], *Relationships between Gene Trees and Species Trees*, in «*Molec. Biol. Evolution*» 5,5, pp. 568-583.
- Paret, O. [1942], *Die Bandkeramiker und die Indogermanenfrage*, in «*Die Welt als Geschichte*» 8, pp. 53-68.
- [1946], *Das neue Bild der Vorgeschichte*, Stuttgart: Schröder.
- Parker, K. [1976], *Equestrians: Parallel Processes of Adaptation*, in «*University of Oklahoma Papers in Anthropology*» 17, pp. 1-13.
- Penny, D. – Watson, E.E. – Steel, M.A. [1993], *Trees from Genes and Languages are very Similar*, in «*Systematic Biology*» 42, pp. 382-384.
- Peroni, R. [1996], *L'Italia alle soglie della storia*, Roma – Bari: Laterza.
- Peterson, J. T. [1978], *Hunter-gatherer/Farmer Exchange*, in «*American Anthropologist*» 80, pp. 335-349.
- Piazza, A. – Rendine, S. – Minch, E. – Menozzi, P. – Mountain, J. L. – Cavalli Sforza, L. L. [1995], *Genetics and the Origins of European Languages*, in «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 92, pp. 5836-5840.
- Piazza, A. – Minch, E. – Cavalli Sforza, L. L. [in stampa], *The Indo-Europeans: Linguistic Tree and Genetic Relationships*.
- Pinker, S. [1994], *The Language Instinct. The New Science of Language and Mind*, Harmondsworth: Penguin Books, trad. it. Milano: Mondadori, 1997.
- Pisani, V. [1969], *Lingue e Culture*, Brescia: Paideia.
- Poliakov, L. [1974], *The Aryan Myth. A History of Racism and Nationalist Ideas in Europe*, Edinburgh: Chatto-Heinemann.
- Polomé, E. C. (org.) [1990], *Research Guide on Language Change*, Berlin – New York: de Gruyter.
- (org.) [1992], *Reconstructing Languages and Cultures*, Berlin – New York: de Gruyter.
 - [1994], *Indo-European Studies since the Neogrammarians*, in Dunkel (org.) [1994], pp. 295-314.
 - [1995], *The Development of Indo-European Studies 1870-1933* [recte: 1993], in

- Jankowsky (org.) [1995], pp. 265-290.
- [1997], *The Impact of M. Gimbutas on Indo-European Studies*, in Marler (org.) [1997], pp. 102-107.
 - (org.) [1999], *Miscellanea Indo-Europea*, Washington (DC): Inst. for the Study of Man.
 - Prosdocimi, A.L. [1995], *Filoni indeuropei in Italia. Riflessioni e appunti*, in Landi [1995], vol.II.
 - Raulwing, P. [2000], *Horses, Chariots and Indo-European. Foundations and Methods of Chariotry Research from the Viewpoint of Comparative Indo-European Linguistics*, Budapest: Archeolingua.
 - Renfrew, C. [1969], *Trade and Culture Process in European Prehistory*, in «*Curr. Anthropol.*» 10, pp. 151-169.
 - (org.) [1973a], *The Explanation of Cultural Change. Models in Prehistory*, London: Duckworth.
 - [1973b], *Problems in the General Correlation of Archaeological and Linguistic Strata in Prehistoric Greece: the Model of Autochthonous Origin*, in Crossland – Birchall (orgs.) [1973], pp. 263-276.
 - [1973c], *Before Civilisation: The Radiocarbon Revolution ad Prehistoric Europe*, London: J. Cape, trad. it. Roma – Bari: Laterza, 1987.
 - [1987], *Archaeology and Language. The Puzzle of Indo-European Origins*, London: J. Cape, trad. it. Roma – Bari: Laterza, 1989.
 - [1991a], *Before Babel: Speculations on the Origins of Linguistic Diversity*, in «*Cambridge Archaeological Journal*» 1, pp. 3-23.
 - [1991b], *Models of Change in Language and Archaeology*, in «*Trans. Philolog. Society*» 87, pp. 103-178.
 - [1992a], *Archaeology, Genetics and Linguistic Diversity*, in «*Man*» 27, pp.445-478.
 - [1992b], *Worlds Languages and Human Dispersal*, in Hall – Jarvie [1992], pp. 11-68.
 - [1993], *The Roots of Ethnicity. Archaeology, Genetics and the Origins of Europe*, Roma: Un Int. Ist. di Archeologia, Storia e Storia dell'Arte.
 - [1996], *Who were the Minoans? Towards a Population History of Crete*, in «*Cretan Studies*» 5, pp.1-27.
 - [1998a], *Word of Minos: the Minoan Contribution to Mycenaean Greek and the Linguistic Geography of the Bronze Age Aegean*, in «*Cambridge Archaeological Journal*» 8, pp. 239-264.
 - [1998b], *All the King's Horses: Assessing Cognitive Maps in Later Prehistoric Europe*, in Mithen, S. (org.) [1998], pp. 260-284.
 - [1999], *Time Depth, Convergence Theory, and Innovation in Proto-Indo-European: 'Old Europe' as a PIE Linguistic Area*, in «*Journal of Indo-European Studies*» 27,3-4, pp. 257-293.
 - [2000], *The Potential Contribution of Molecular Genetics towards the Linguistic and Population History of the Mediterranean Islands*, in «*Journal of Cultural Heritage*» 1,1, pp. 11-15.

- [2001], *Origini indoeuropee: verso una sintesi*, in AA.VV. [2001], pp. 116-137.
- Renfrew, C. - Scarre, Ch. (orgs.) [1998], *Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage*, Oxford: McDonald Institute.
- Richards, M. (et al.) [1996], *Paleolithic and Neolithic Lineages in the European Mitochondrial Gene Pool*, in «*American Journal Human Genetics*» 59, pp.185-203, 747.
- [2000], *Tracing European Founder Lineages in the Near Eastern mtDNA Pool*, in «*American Journal Human Genetics*» 67, pp. 1251- 1276.
- Römer, R. [1989], *Sprachwissenschaft und Rassenideologie in Deutschland*, München: Fink.
- Rouse, I. [1986], *Migrations in Prehistory: Inferring Population Movements from Cultural Remains*, New York: Macmillan.
- Ruhlen, M. (org.) [1991], *Guide to the World's Languages. With a Postscript on Recent Developments*, London - Melbourne - Auckland: Arnold.
- [1994a], *On the Origins of Languages. Studies in Linguistic Taxonomy*, Stanford: Stanford University Press.
- [1994b], *The Origin of Language: Tracing the Evolution of Mother Tongue*, New York: Wiley, trad. it. Milano: Adelphi, 2001.
- Sajantila, A. (et al.) [1995], *Genes and Languages in Europe: an Analysis of Mitochondrial Lineages*, in «*Genome Research*» 5, pp. 42-52.
- Sajantila, A. - Pääbo, S. [1995], *Language Replacement in Scandinavia*, in «*Nature Genet.*» 11, pp. 359-360.
- Salmons, J. [1992], *Northwest IE Vocabulary and Substrate Phonology*, in AA.VV. [1991-1992], vol. II, pp. 265-279.
- Salzano, F. M. - Neel, J.V. - Gershowitz, H. - Migliazza, E.C. [1977], *Intra- and Intertribal Genetic Variation within a Linguistic Group: the Ge-speaking Indians of Brazil*, in «*Amer. Jour. Physical Anthropology*» 47, pp. 42-52.
- Sándor, S. [1974], *The History of Domestic Animals in Central and Eastern Europe*, Budapest.
- [1987], *Horses and Sheep in East Europe in the Copper and Bronze Ages*, in Skomal - Polomé (orgs.) [1987], pp. 136-144.
- [1994], *Das domestizierte Pferd in Mitteleuropa*, in Hansel - Zimmer (orgs.) [1994].
- Santachiara-Benerecetti, A. S. [2001], *Cromosoma Y e storia delle popolazioni europee*, in AA.VV. [2001], pp. 57-71.
- Scherer, A. (org.) [1968], *Die Urheimat der Indogermanen*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Schieffelin, B. B. - Woolard, K. A. - Kroskirty, P. V. (orgs.) [1998], *Language Ideologies: Practice and Theory*, New York - Oxford: Oxford University Press.
- Schlerath, B. [1995-6], *Georges Dumézil und die Rekonstruktion der indogermanischen Kultur*, in «*Kratylos*» 40, pp. 1-48; 41, p. 1 sgg.
- Schmitt, R. [1967], *Dichtung und Dichtersprache in indogermanischer Zeit*, Wiesbaden: Harrassowitz.

- Schwantes, G. [1939], *Die Vorgeschichte Schleswig-Holsteins. Stein- und Bronzezeit*, Neümunster: Wacholz.
- [1958], *Die Indogermanen in der Geschichte Schleswig-Holsteins*, Neümunster: Wacholz.
- Semino, O. (et al.). [1996], *A View of the Neolithic Demic Diffusion in Europe through Two Y Chromosome Specific Markers*, in «*Amer. Jour. Human Genetics*» 59, pp. 964-968.
- [2000a], *MtDNA and Y-Chromosome Polymorphisms in Hungary: Inferences on the Paleolithic, Neolithic and Uralic Influences on the Modern Hungarian Gene Pool*, in «*European Journal of Human Genetics*» 8, pp. 339-346.
- [2000b], *The Genetic Legacy of Paleolithic "Homo sapiens sapiens" in Extant Europeans: A Y Chromosome Perspective*, in «*Science*» 290, pp. 1155-1159.
- Sergent, B. [1995], *Les Indo-Européens. Histoire, langues, mythes*, Paris: Payot.
- [1997], *Genèse de l'Inde*, Paris: Payot.
- [2001], *Gli Indoeuropei prima dell'avvento dei Kurgan*, in AA.VV. [2001], pp. 252-264.
- Serjeantson, S. W. - Kirk, R. L. - Booth, P. B. [1983], *Linguistic and Genetic Differentiation in New Guinea*, in «*Jour. Human Evolution*» 12, pp. 77-92.
- Shennan, S.J (org.) [1989], *Archaeological Approaches to Cultural Identity*, London: Unwin Hyman.
- Sherratt, A.G. [1994], *The Trasformation of Early Agrarian Europe: the Later Neolithic and Copper Ages 4500-2500 B.C.*, in Cunliffe (org.) [1994], pp. 167-201.
- [1996], *Plate Tectonics and Imaginary Prehistories: Structure and Contingency in Agricultural Origins*, in Harris, D. R. (org.) [1996], pp. 130-140.
- [1997], *Economy and Society in Prehistoric Europe*, Princeton: Princeton University Press.
- Shevoroshkin, V. [1989a], *Methods in Interphyletic Comparison*, in «*Ural-Altaiisch Jahrbuch*» 61, pp. 1-26.
- (org.) [1989b], *Reconstructing Languages and Cultures*, Bochum: Brockmeyer, II ed. 1992.
- (org.) [1990], *Proto-Languages and Proto-Cultures*, Bochum: Brockmeyer.
- Shevoroshkin, V. - Markey, T. L. [1986], *Typology, Relationship, and Time*, Ann Arbor (Mich.): Karoma.
- Silvestri, D. [1974], *La nozione di indomediterraneo in linguistica storica*, Napoli: Macchiaroli.
- [1977-82], *La teoria del sostrato: metodi e miraggi*, Napoli: Macchiaroli, vol. I-III.
- [1995], *Preistoria e protostoria linguistica nel Mediterraneo*, in Landi [1995], vol. I, pp. 139-180.
- Simpson, P. [1993], *Language, Ideology, and Point of View*, London: Routledge.
- Sinor, D. (org.) [1988], *The Uralic Languages. Description, History and Foreign Influences*, Leiden: Brill.
- Skellam, J. G. [1951], *Random Dispersal in Theoretical Populations*, in «*Biometrika*»

- 38, pp. 196-218.
- Skomal, S.N. – Polomé, E.C. (orgs.) [1987], *Studies M. Gimbutas*, Washington D.C.: Inst. for the Study of Man.
- Smirnov, Y. [1989], *Intentional Human Burial: Middle Paleolithic (Last Glaciation) Beginnings*, in «*Journal of World Prehistory*» 3,2, pp. 199-234.
- Sober, E. [1988], *Reconstructing the Past: Parsimony, Evolution, and Inference*, Cambridge (Mass.): M. I. T. Press.
- Soffer, O. – Gamble, C. (orgs.) [1990], *The World at 18 000 BP*, London: Unwin Hyman.
- Sokal, R. R [1988], *Genetic, Geographic, and Linguistic Distances in Europe*, in «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 85, pp. 1722-1726.
- [1990a], *Genetic Differences among Language Families of Europe*, in «*Amer. Journ. Phys. Anthropol.*» 79, pp.489-582.
- [1990b], *Genetics and Language in European Populations*, in «*American Naturalist*» 135, pp. 157-175.
- Sokal, R. R. – Harding, R. M. – Oden, N. L. [1989], *Spatial Patterns of Human Gene Frequencies in Europe*, in «*Am. Journal Phys. Anthropology*» 80, pp. 267-294.
- Sokal R. R. – Oden, N. L. – Thompson, B. A. [1988], *Genetic Changes across Language Boundaries in Europe*, in «*Am. Journal Phys. Anthropology*» 76, pp. 337-361.
- [1992], *Origins of the Indo-European: Genetic Evidence*, in «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 89, pp. 7669-7673.
- Sokal, R. R. – Oden, N. L. – Wilson, C. H. [1991], *Genetic Evidence for the Spread of Agriculture in Europe by Demic Diffusion*, in «*Nature*» 351, pp. 143-145.
- Sokal, R. R. – Menozzi, P. [1982], *Spatial Autocorrelations of HLA Frequencies in Europe Support Demic Diffusion of Early Farmers*, in «*Americ. Naturalist*» 119, pp.1-17.
- Sokal, R. R. – Sneath, P. H. A. [1963], *Principles of Numerical Taxonomy*, San Francisco: Freeman; 2nd ed. 1973, 3rd ed. 1983.
- Southworth, F. C. [1990], *The Reconstruction of Prehistoric South Asian Language Contact*, in Bendix, B. H. (org.), *The Uses of Linguistics*, New York: New York Academy of Sciences.
- Sterckx, C. [1985-6], *Le Têtes Coupées et le Graal*, in «*Studia Celtica*» 20,1, pp. 1-42.
- Sykes, B. [1999], *The Molecular Genetics of European Ancestry*, in «*Philos. Trans. of the Royal Soc. of London*» 354, Series B, pp. 131-139.
- Thomas, H. L. [1973], *Culture Continuity during the Mesolithic and Neolithic in the Western Mediterranean Basin*, in *Actes du VIIIe Congres Intern. des sciences Préhistoriques et Protohistoriques*, Beograd: Comité National d'Organisation, vol. II, pp. 354-359.
- [1991], *Indo-European: from the Paleolithic to the Neolithic*, in AA.VV. [1991-2], vol. I, pp. 12-37.
- Thomason, S. G. – Kaufman, T. [1988], *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*, Berkeley – Los Angeles – London: University of California Press.

- Torroni, A. [2000], *MtDNA Haplogroups in Human Populations and Disease Studies*, in «*Journal of Cultural Heritage*» 1,1, pp. 33-34.
- Torroni, A. – Bandelt, H.-J. – D’Urbano, L. – Lahermo, P. (et al.) [1998], *MtDNA Analysis Reveals a Major Late Paleolithic Population Expansion from Southwestern to Northeastern Europe*, in «*Amer. Journal Human Genetics*» 62, pp. 1137-1152.
- Townson, M. [1992], *Mother-Tongue and Fatherland: Language and Politics in Germany*, Manchester: Manchester University Press.
- Trigger, A. [1989], *A History of Archaeological Thought*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Underhill, P. A. (et al.) [1997], *Detection of Numerous Y Chromosome Biallelic Polymorphisms by Denaturing High-Performance Liquid Chromatography*, in «*Genome Research*» 7, pp. 996-1005.
- [2000], *Y Chromosome Sequence Variation and the History of Human Population*, in «*Nature Genetics*» 26, pp. 358-361.
- Vennemann, T. [1995], *Linguistic Reconstruction in the Context of European Prehistory*, in «*Trans. Philolog. Society*» 92, pp. 215-284.
- [1998], *Basken, Semiten, Indogermanen: Urheimatfragen in linguistischer und anthropologischer Sicht*, in Meid (org.) [1998], pp. 119-138.
- Villar, F. [1996], *Los Indoeuropeos y los orígenes de Europa. Lenguaje e historia*, Madrid: Gredos, II ed., trad. it. Bologna: Il Mulino, 1997.
- [2001], *La complessità dei livelli di stratificazione indoeuropea nell’Europa occidentale*, in AA.VV. [2001], pp. 209-234.
- Wackernagel, J. [1943], *Indogermanische Dichtersprache*, in «*Philologus*» 95, pp. 1-19, reimp. in Id., *Kleine Schriften*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1953, vol. I, pp. 186-204.
- Wang, W. S.-Y [1991], *Explorations in Language*, Taipei: Pyramid Press.
- Warnow, T. [1996], *Mathematical Approach to Comparative Linguistics*, in «*Proc. Nat. Acad. Sc. USA*» 94, pp. 6585-6590.
- Watkins, C. [1995], *How to Kill a Dragon. Aspects of Indo-European Poetics*, New York – Oxford: Oxford University Press.
- Wenskus, R. [1961], *Stammesbildung und Verfassung*, Köln – Graz: Boehlau.
- West, M. L. [1997], *The East Face of Helicon*, Oxford: Oxford University Press.
- Whittle, A. [1996], *Europe in the Neolithic. The Creation of New Worlds*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Witzel, M. [2001], *Autochthonous Aryans? The Evidence from Old Indian and Iranian Texts*, in «*Electronic Journal of Vedic Studies*» 7,3, pp. 1-93.
- Zerjal, T. (et al.) [1997], *Genetic Relationships of Asians and Northern Europeans, Revealed by Y-Chromosome DNA Analysis*, in «*Amer. Jour. Human Genetics*» 60, pp. 1174-1183.
- Zilhão, J. [1993], *The Spread of Agro-pastoral Economies Across Mediterranean Europe: A View from the Far West*, in «*Journal of Mediterranean Archaeology*» 6,

pp. 5-63.

Zohary, D. – Hopf, M. [1988], *Domestication of Plants in the Old World*, Oxford: Clarendon Press.

Zvelebil, M. (org.) [1986], *Hunters in Transition: Mesolithic Societies of Temperate Eurasia and Their Transition to Farming*, Cambridge, Cambridge University Press.

- [1995], *Indo-European Origins and the Agricultural Transition in Europe*, in «*Journal European Archaeology*» 3, pp.33-70.

- [1996], *The Agricultural Frontier and the Transition to Farming in the Circum-Baltic Region*, in Harris, D. R. (org.) [1996], pp. 323-345.

Zvelebil, M. – Dennell, R. – Domanska, L. (orgs.) [1997], *Harvesting the Sea, Farming the Forest: the Emergence of Neolithic Societies in the Baltic Region*, Sheffield: Sheffield Academic Press.

Zvelebil, M. – Dolukhanov, P. M. [1991], *The Transition to Farming in Eastern and Northern Europe*, in «*Journal of World Prehistory*» 5, pp. 223-278.

Zvelebil, M. – Zvelebil, K.V. [1988], *Agricultural Transition and Indo-European Dispersal*, in «*Antiquity*» 62, pp. 574-583. Published in: «*Quaderni di Semantica*», 22,2 (2001), pp. 215-260.

